Num. 1 I Anno Monsieur Beaucaire

Bebé Daniels -- RODOLPHO VALENTINO -- Lois Wilson

COMPANHIA DE FIAÇÃO E TECIDOS CORCOVADO

Uma das mais importantes fabricas brasileiras no genero

Escriptorio Central:

91, RUA DA CANDELARIA, 91

Escriptorio da Fabrica:

418, JARDIM BOTANICO, 418

Fabrica de Tecidos de Lã "Botafogo"

Rua Barão de Mesquita, 314

Especiadidade em casemiras finas

Encontram-se á venda nas principaes casas de casemiras d'esta praça

COMPANHIA DE LOTERIAS

NACIONAES DO BRASIL

Extracções publicas, sob a fiscalisação do Governo Federal, ás 2 112 e aos sabbados ás 3 horas

Rua Visconde de Itaborahy, 67

1º de Março, 110 (Edificio proprio)

Segunda-feira, 20 — 20:000\$000 —

Inteiro 1\$600 — Meio \$800

Quarta-feira, 22 - 50:000\$000 -

Inteiro 7\$700 — Decimo \$800

Quinta-feira, 23 — 20:000\$000 —

Inteiro 1\$600 — Meio \$800

Sexta-feira, 24 - 20:000\$000 -

Inteiro 1\$600 — Meio \$800

Sabbado, 25 - 100:000\$000 -

Inteiro 7\$700 — Decimo \$800

BIBLIOTHECA





(Titulo registrado)

Revista trimensal de grandes enredos dos films a se exhibir ——— no Brasil ————



20 DE ABRIL DE 1925

I NUMERO

RIO DE JANEIRO

I ANNO



PREÇOS

AVULSO

ASSIGNATURAS

Série de 24 numeros

No Rio 600 réis Nos Estados . . . 700 " A' VENDA EM TODOS OS PONTOS DE VENDA DE JOR— NAES E NOS CINEMAS ONDE SE EXHIBE O FILM —

Redacção e — Administração:

R. Theophilo Ottoni, 67-1° — Rio de Janeiro

Companhia de Seguros Maritimos e Terrestres

CONFIANÇA

Fundada em 1872

RUA S. PEDRO, 33-sob-

Capital integralisado
1.0000:000\$000
Deposito no thesouro
200:000\$000
Reserva 633:291\$000
16.000 apolices da Di-

DIRECTORIA: Comm. José Antonio da Silva, Dr. João Pedreira de Couto Ferraz,

Dr. Manoel Orlando Fer-

reira.

vida Publica

A LUNETA DE OURO

Artigos religiosos, imagens, paramentos, harmoniuns, oculos, pince-nez, binoculos, optica e livros religiosos

OFFICINA DE ESCULPTURA — Encarnação e concertos de imagens, batinas e vestes sacerdotaes

Balsemão & Cia. 84 — RUA DE S. JOSE' — 84

Telephone Central 4621 — Caixa Postal 1.598 End. Teleg. "AURELIO" — RIO DE JANEIRO

ELEGANCIA BOM GOSTO E MODICIDADE

São os requisitos que distinguem os vestidos para Senhoras e Senhorinhas da casa

"AGUIA DE OURO"

169, OUVIDOR

Não comprem sem visitar as nossas exposições com os preços marcados.

"AGUIA DE OURO"
169, OUVIDOR

TELEPHONE NORTE 1792

CASA GONÇALVES

Bordados, Ponto á jour, Plissés, Officina de passamanaria, Miudezas, Artigos de Natal e Carnaval

VENDAS por atacado e a varejo

Irmãos Gonçalves & Cia.

RIO DE JANEIRO

165

Rua 7 de Setembro

167

Telep. C. 3958

End. Tel.: Concirmão

Banco Nacional Ultramarino

FUNDADO EM 1864

Capital social Escudos 48.000.000\$00 Fundo de reserva Escudos 34.000.000\$00

Filiaes no Continente de Portugal e em todas as Colonias Portuguezas. — Filiaes no Brasil: S. Paulo, Pernambuco, Pará e Manáos. — Filiaes em: Londres, Paris e New-York.

Correspondentes em todo o mundo FILIAL NO RIO DE JANEIRO

RUA DA ALFANDEGA

Esquina da Rua da Quitanda Telephone Norte 6.200

AGENCIA NO RIO DE JANEIRO

Rua Senador Euzebio, 72

Esquina da Rua General Caldwell

Endereço Telegraphico "COLONIAL" — Telephone Norte 3208 Caixa Postal, 1668

Monsieur

Beaucaire

Romance historico de aventuras galantes, passado no seculo XVIII

Super-producção da Paramount-Picture



Monsieur Beaucaire.

Marie Leczinska, rainha de França.

Henriette de Bourbon, princeza de França
Luiz XV.

Marqueza de Pompadour.

Duque de Richelieu.

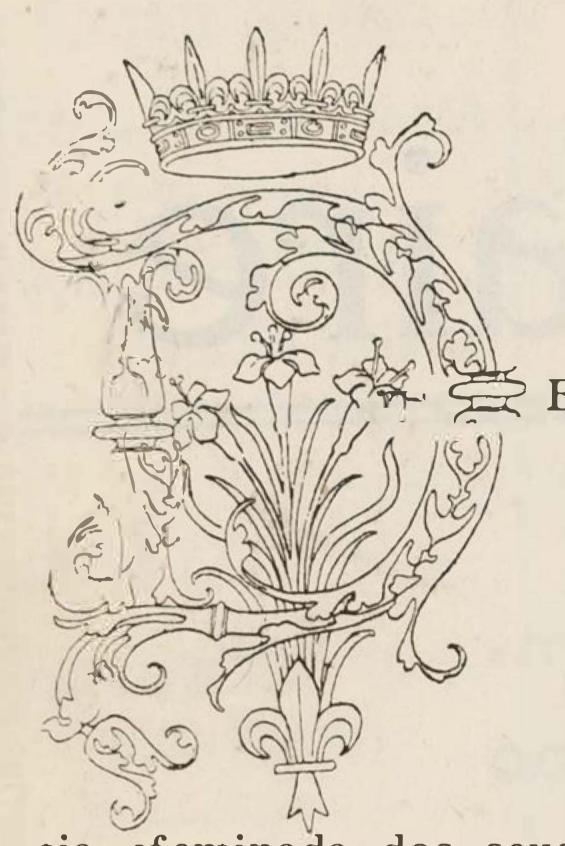
Lady Mary Carlisle.

Duque de Winterset........

Rodolpho Valentino
Lois Wilson
Bebé Daniels
Lowell Sherman
Paulette Duval
John Davidson
Doris Kenyon
Yon Mac Laren

Monsieur Beaucaire

(PARAMOUNT-PICTURE)



EANTE da pessoa sagrada do rei, cada um procurava a do la remais e melhor. O serão nas salas douradas de Versailles estava movimentado. Luiz XV, na elegan-

cia efeminada dos seus luxuosos trages, vivia cercado do que mais bello existia no mundo feminino da côrte de França e dos mais famosos nomes da aristocracia francesa. Madame de Pompadour começava o seu dominio e nada preocupava mais o rei do que os serões divertidos. Na côrte de Luiz XV os divertimentos e os prazeres vinham antes dos negocios do Estado. A nobreza só apreciava diversões de bom gosto.

Havia naquella noite, no pequenino theatro que Madame Pompadour tinha mandado construir, um espectaculo de comedia italiana. Tudo estava a postos, aguardando o inicio da festa e a chegada da rainha. Luiz XV, esperando a esposa, ia matando o tempo bordando um pequenino lenço de renda de Malines. Mas as horas passavam e a rainha não chegava. Madame de Pompadour regosijava-se com aquella irritação do seu real amante contra a esposa. Cada momento que corria mais incolerisava o rei, que continuava a bordar o seu lenço, emquanto a seu lado um creado lhe illuminava, com uma serpentina de cinco velas, aquelle trabalho futil.

A rainha já aqui devia estar. Parece impossivel esta demora. Eu é que dou corda e acérto o seu relogio.

A esse tempo, pelos vastos corredores, o cortejo da rainha vinha apressadamente, temerosos todos da colera do rei. A' entrada da rainha, a formosa Marie Lecsinska, e do seu cortejo, Luiz XV não se conteve sem expressar no rosto o seu desprazer. Mas a par da rainha caminhava a formosissima princeza Henriette de Bourbon, que tinha vindo nesse dia de um convento, onde tinha sido educada, para iniciar a sua vida da côrte. Luiz XV, atrahido pela sua formosura, depressa esqueceu aquelle incidente da demora da rainha, — um incidente grave, porque manter a etiqueta era uma ordem do rei e a rainha de França tinha chegado atrasada. Luiz XV acolheu com o maior contentamento, de que deu mostras, á encantadora

rosto altivamente. Todos pensaram:
"Que estouvada! A princeza não correspondeu ao cumprimento da favorita do rei!"

princeza de França e nesse contentamento

não reparou num incidente que alarmou toda

a côrte: quando Madame Pompadour saudou,

como era do seu dever, a princeza Henriette,

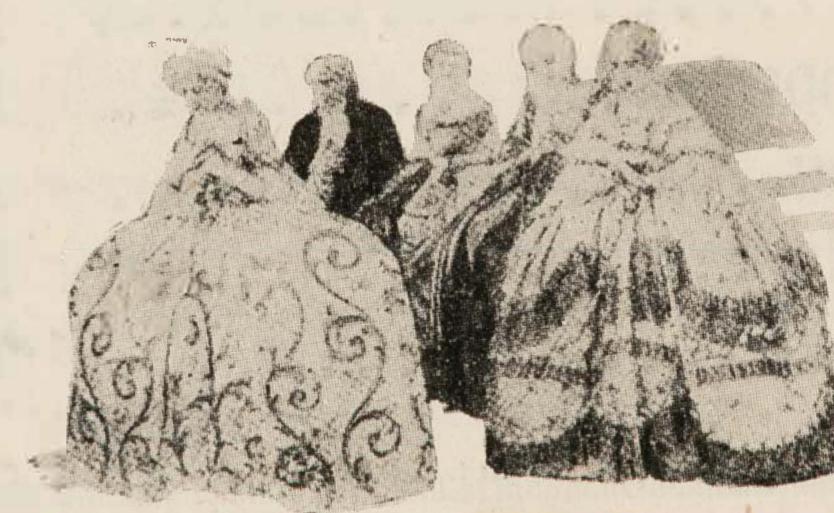
prima do rei, seu amante, a princeza não cor-

respondeu a esse cumprimento, voltando o

Era, sem duvida, a mais grave das offensas ao rei, que teria castigado a princeza, se por tal tivesse dado. Madame de Pompadour recebeu a offensa e sorriu.

Ia principiar o espectaculo. O cortejo real dirigiu-se para a sala dourada. O rei, a rainha e a princeza sentaram-se na primeira fila de poltronas. Por detrás ficou toda a aristocracia, sentando-se bem perto de Luiz XV Ma-

dame de Pompadour, com quem elle trocava continuos signaes de affecto, mesmo na vista da rainha, que com isso soffria enormemente. A princeza Henriette de Bourbon não poude conter a sua irritabilidade perante tão



deprimente espectaculo e mais de uma vez o demonstrou com o seu olhar.

O espectaculo decorria sem interesse. Luiz XV não esperou que elle findasse. Irritou-se com a banalidade daquelles comicos, que não conseguiram divertil-o. Mal humorado, mandou que o espectaculo acabasse, gritando:

— Onde está o duque de Chartres? E' o unico que consegue divertir-me. Vão chamar o duque de Chartres.

E emquanto os pobres comicos italianos, desolados, se escoavam, fugindo á colera real, os creados e officiaes do palacio corriam a chamar o duque de Chartres, para que viesse divertir o rei. Cêdo o gentil fidalgo se apresentou a beijar a mão de Luiz XV.

Luiz Philippe de Orleans, duque de Chartres, principe de sangue real e primo do rei, era um moço elegante, intelligente e duma vivacidade e alegria que encatava quantos delle se aproximavam. O rei tinha-lhe especial affeição, conservando-o na sua privança e fazendo-o seu cumplice nas irregularidades matrimoniaes. O joven duque de Chartres era um alliado da marqueza de Pompadour, o que lhe augmentava o prestigio na côrte. Luiz XV pensava em casal-o com a princeza Hen

riette e aquella noite devia marcar um grande passo na realisação desse desejo.

Henriette, como toda a gente, ficou presa do espirito encantador do duque de Chartres, que bailou, como o mais habil dos dançarinos; cantou, na sua guitarra italiana, as mais mi mosas canções. Sentia um certo prazer em pensar que aquelle fidalgo gentil seria um dia seu marido. Mas ao vêr que elle adolava, indistinctamente todas as mulheres e que era um partidario da sua inimiga marqueza de Pompadour, offendendo publicamente a sua rainha, nunca mais olhou para o palco, onde o duque de Chartres se esforçava por despertar a sua attenção. Quanto mais o tradalgo cantor parecia dirigir a Henriette as suas canções, mais a princeza lhe dava mostras dum despreso, que estava provocando

um grave escandalo entre os presentes, com excepção de Luiz XV que tinha toda a attenção presa na sua favorita.

II

E os esforços do duque para interessar a princeza pela sua pessoa e pelas habilidades caiam em pura perda. Henriette propositadamente lhe voltava o rosto, chegando então despertar as attenções do rei e da favorita. A bondosa rainha tremia pela princeza, receiosa de que Luiz XV se encolerisasse.

O duque de Chartres convencido de que quando um homem quer obrigar uma mulher a olhar para elle, deve procurar interessar outras mulheres, tornou-se ainda mais galanteador com todas as aristocratas que o cercavam. Ma-

dame de Pompadour offereceu-lhe uma rosa. O duque beija-a. Dá as mais claras mostras que é um servidor leal das intrigas da favorita, em cujo favor quer viver.

A princeza Henriette, que a principio se deixou levar pela habilidade do duque, mostrando-se interessada pelos seus actos, tomou immediatamente pósse de si propria,



Princeza Henriette de Bourbon (Bebé Daniels)

voltando-lhe o rosto duma tal maneira agressiva, que o duque perdeu o sangue frio, pulou do palco á plateia e, voltando-se para Luiz XV, declarou em voz alta:

- Sire! Como a princeza Henriette parece não gostar da minha voz, peço permissão a Vossa Majestade para não cantar mais.
- Não gosta da tua voz? Que significam estas palavras, Alteza?

E a princeza Henriette, com a maior coragem, olhando rancorosamente o duque de Chartres, disse altivamente:

— Meu rei! A educação que recebi no convento parece que não se coaduna com os prazeres da côrte. Peço licença a Vossa Magestade para me retirar!

Um grande silencio se fez em volta, prenuncio da tempestade que devia surgir com a irritação real. A princeza, ao fazer a sua declaração altiva, visava claramente a favorita marqueza de Pompadour. Era um insulto publico que ella recebia em sua propria casa. Luiz XV olhou dura e fixamente a princeza e disse com voz alta, num riso ironico:

— A marqueza de Pompadour deseja que o espectaculo continue. A princeza ha de gostar dos outros numeros do programma.

Deante desta ordem imperativa ninguem, nem mesmo a princeza, se atreveu a reagir.

O espectaculo continuou, debaixo duma atmosphera pesada de receios pela colera real. Só o duque continuava alegre e folgasão, sentindo um infinito prazer em ver dominada aquella mulherzinha altiva, a primeira que se atrevia a despresal-o, a elle que era o idolo de todas as mulheres.

Concluido o serão, Luiz XV chamou para junto de si a princeza Henriette e apontando-lhe o duque de Chartres, disse:

— Princeza. Desejo apresentar-vos o duque de Chartres, vosso primo, com quem me apraz que vos caseis!

Deante de semelhante declaração, a princeza empallideceu. Mas vendo o ar victorioso e sardonico do galante duque, reagiu e offereceu-lhe em troca ao cumprimento um sorriso ironico que o duque comprehendeu perfeitamente. Não lhe restava duvida que tinha na sua presença uma creatura com quem teria de luctar.

No dia seguinte "nas ante-camaras do palacio, não se fallava doutro assumpto. O duque de Chartres levantára-se mais cêdo que o costume e logo pela manhã se viu cercado pelos seus aduladores, que porfiavam em lhe prestar as homenagens mais servis, por entre as futilidades e subtilezas do protocolo e das praxes da côrte. Assim, o entregar-lhe a camisa de bretanha finissima, bordada e ornada de rendas, foi objecto de largas discussões e invejas. Todos, á porfia, procuravam servil-o. Mas o espanto de todos aquelles ridiculos fidalgos subiu de ponto, quando viram o duque fazer a barba a si proprio. Nunca um aristocrata francez descera a tanto.

—E' de vêr e pasmar! diziam. Elle, um duque!

E o duque de Chartres, espirito livre e alegre, dizia entre duas gargalhadas:

— Que querem? Eu nasci para ser barbeiro, e um bom barbeiro.

E todo aquelle ceremonial da toilette dum principe de sangue real continuava, lentamente, com as suas mil peripecias ridiculas, quando chegou ao quarto de toilette do duque de Chartres o duque de Richelieu.

- Armand! Tu aqui a estas horas? exclamou, espantado, o duque de Chartres. Que honra! Julguei que não te levantavas nunca antes do meio dia!
- Assim é. Mas traz-me junto de Vossa Alteza uma grave missão. Estou aqui por ordem do rei. Todos commentam no palacio o modo despresivel como a princeza Henriette tratou a favorita do nosso soberano.
- Realmente, Armand, ella portou-se mal. Como explicas tão má disposição da princeza em presença da marqueza?
- E' que as mulheres são anjos, com o privilegio de procederem por vezes como demonios. Sua Majestade quer que Sua Altesa faça uma visita de desagravo á marqueza, mas está, como sempre, receioso do que possa acontecer. Manda, por isso, pedir-lhe o seu auxilio.
 - 0 meu auxilio?
- Quer que o Sr. duque de Chartres acompanhe Sua Alteza aos aposentos da marqueza de Pompadour.
- Vou já fallar com o rei. A princeza precisa de uma licção.

Nesta mesma ordem de idéas fallou Henrique, duque de Nemours, irmão do duque de Chartres, que nesse momento chegou.

A esse tempo, nos aposentos da infeliz e traida rainha de França, que era sua sincera amiga, a princeza Henriette dava expansão á sua revolta contra a depravação da côrte. E dizia:

- Porque me trouxeram para aqui? Eu não devo, nem quero casar com um alliado da detestavel marqueza de Pompadour.
- Não digas tal, minha filha! respondialhe a despresada rainha. E' essa a vontade de Sua Magestade. O duque de Chartres é um palaciano, um fidalgo. Apezar disso tem um excellente coração.
- Parece que sim! respondeu num sorriso ironico a princeza. E' essa pelo menos a opinião de mais de cem damas desta côrte.
- Commigo, a rainha de França, a mulher

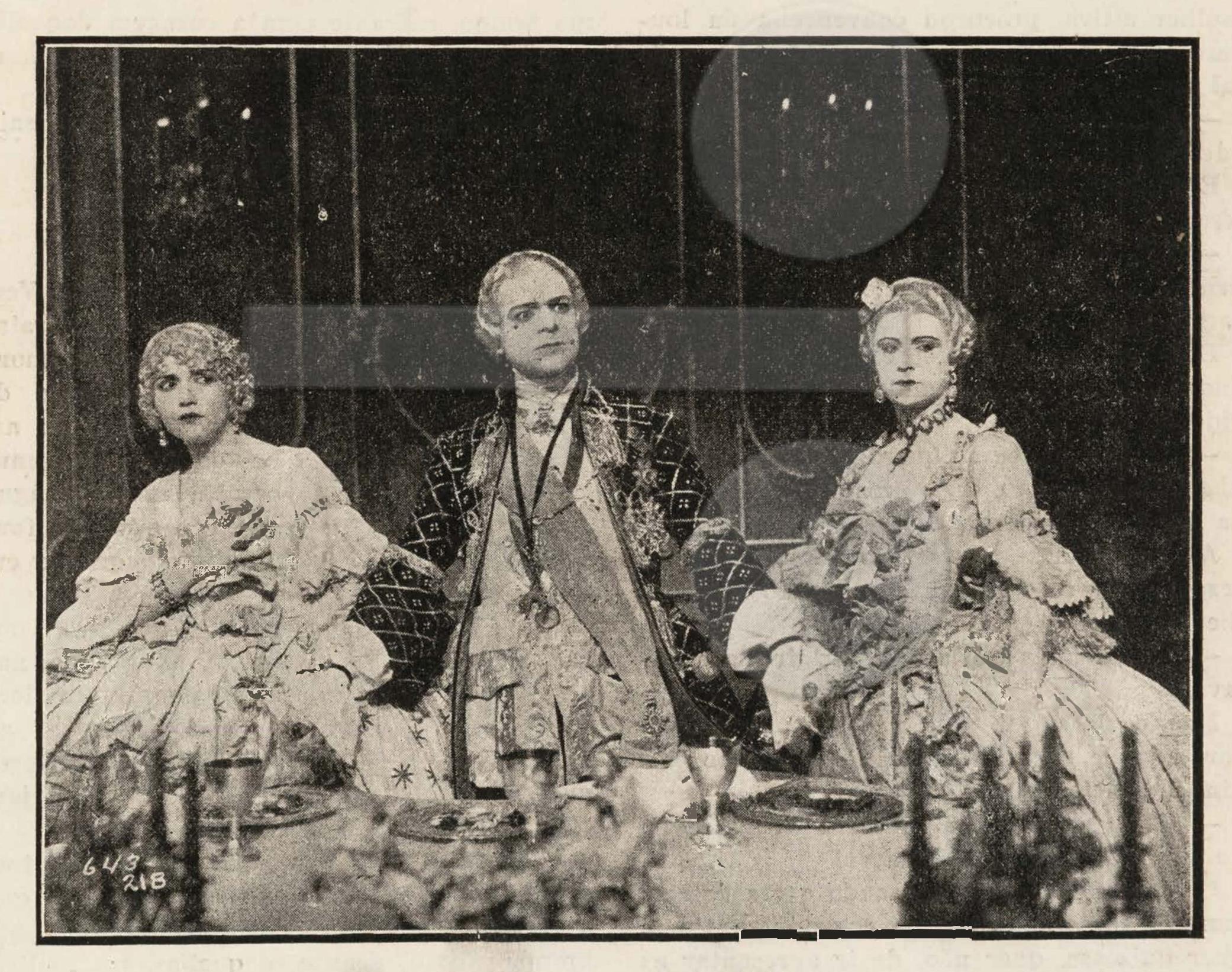
THE PARTY OF THE P

TO THE PARTY AND THE PARTY OF T



A princeza, ao ouvir o nome do homem que tanto martyrisava o seu pequenino coração, empertigou-se, decidida a recebel-o com a maior frieza. Mas logo após a entrada do duque, quando elle osculava a mão da rainha e provocadamente saudava, num sorriso

amargo, a princeza, annunciaram a visita do rei. Raras eram as vezes que Luiz XV entrava nos aposentos da esposa, que o recebia com a esperança de rehaver o predominio sobre o seu espirito. Emquanto o rei mais torturada do reino... tem sido gentil exhibia as suas homenagens futeis e insin-



Luiz XV ficou irritado deante da audacia do duque

Light de la destaction de correction de la light de la light de la constant de la light de la constant de la light de la constant de la const

e bondoso. Tu, que és mais forte do que eu, salva o duque de Chartres das garras da minha rival.

Precisamente, quando pronunciava essas palavras, annunciaram á rainha a visita de Philippe, duque de Chartres.

ceras á despresada esposa, o duque de Chartres transmittia as ordens reaes á princeza Henriette, que o ouvia com um mixto de rancor e sympathia, porque no seu coração um amor ia nascendo, o que mais a enraivecia ainda.

- Alteza! Vim aqui para corrigir-vos...
 quero dizer, para vos transmittir uma ordem.
- Uma ordem, a mim?... e os lindos olhos da princeza fuzilaram de raiva. O duque, querendo esmagar tanto orgulho, impertigou-se, e sempre com o seu sorriso ironico nos labios, disse imperiosamente:
- Por ordem de Sua Majestade, o rei, tendes de me acompanhar aos aposentos da marqueza de Pompadour.
- Não recebo ordens do rei pela bocca dum alliado da marqueza de Pompadour.
 - _ E' a vossa ultima palavra?
 - _ E' o meu desejo... irrevogavel.

Mas o duque, que cada vez mais se interessava por aquelle encantador genio de mulher altiva, procurou convencel-a da loucura que estava praticando, revoltando-se de tal maneira contra a favorita real.

_ Não falle mais commigo. Não vê que o odeio!

E o duque sorriu a esta explosão de colera.

— Princeza Henriette, seja rasoavel. Uma princesa de sangue real não se exalta dessa forma.

E a um gesto de desprezo da princeza, o duque accrescentou, falando-lhe quasi ao ouvido:

— Não vê que eu só quero evitar que a minha futura esposa faça uma figura ridicula na Côrte de Versailles.

Ao ouvir taes palavras, o rosto da princeza alterou-se e foi quasi gritando que ella lhe respondeu:

— Nunca mais tornarei a dirigir-lhe a palavra!

Mas o duque tornou a sorrir, encantado com aquelle orgulho feminil, e disse-lhe baixinho, quasi com meiguice:

Estou certo que a princeza Henriette ha de ser uma esposa admiravel!

O tempo, porém, ia passando e era preciso cumprir as ordens reaes. A princeza tinha, quer quizesse, quer não, de ir apresentar as suas desculpas á favorita do rei. O duque, com mais alguns conselhos, ditos sinceramente, convenceu a princeza a acompanhal-o.

Emquanto descia a escadaria que levava aos aposentos da marqueza de Pompadour, Henriette sentia o seu coração cheio de revolta por aquella humilhação a que se obrigava uma princeza de França deante duma aventureira que dominava o coração do rei.

A Côrte olhava, curiosamente, e commentava aquella scena original. A marqueza sentia um orgulho infinito em ver humilhada a seus pés uma princeza de França. E, entretanto, quem, na verdade, apresentava maior altivez no porte era, precisamente, Henriette. Olhando sempre de alto, approximou-se da marqueza. Esta esperava ir ouvir palavras de humilde desculpa. Mas a princeza sentiu mais do que referver-lhe nas veias um sangue orgulhoso e, erguendo o rosto, disse, de cara a cara, á favorita:

— Marqueza! Por ordem do rei, eu sigo o exemplo de toda a França!

Ergueu-se na aristocratica assembléa um nurmurio de escandalo. O duque de Chartres ficou embaraçado e timido, mas, ao mesmo tempo, radiante com a coragem daquella a quem elle principiava a querer. Seria uma esposa digna delle.

Poucos instantes depois a princeza saiu para o parque e elle seguiu-a.

IV

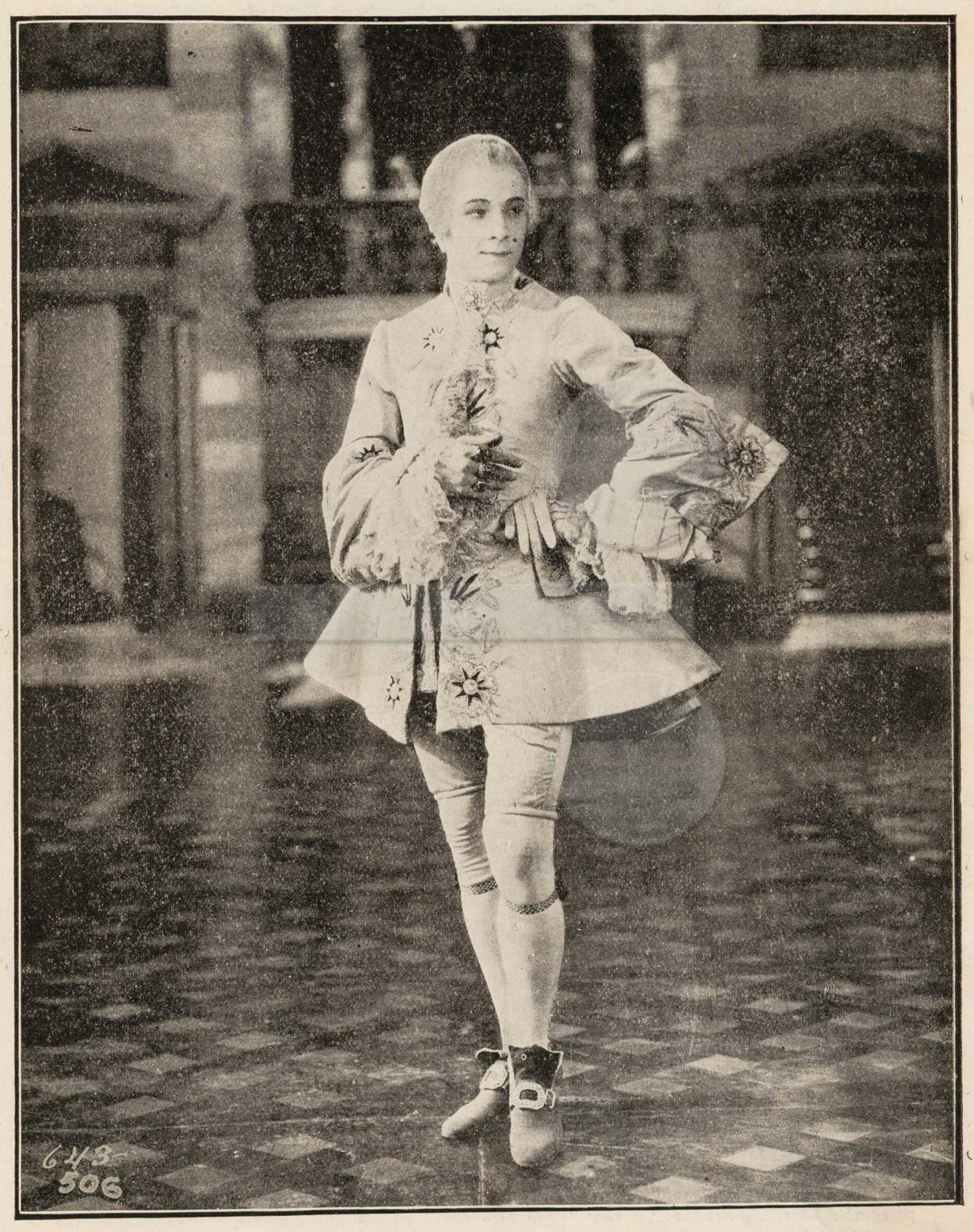


Os jardins de Versailles eram o paraiso proprio para o amor. Nos seus bancos de marmore, que os arbustos floridos semioccultavam; na agua que cantava nas fontes; nas pequenas estatuetas em que o Amor brincava nos seus mil artificios; nas aleas de sombra doce e acolhedora e no perfume das flores

que embalsamava o ar, em tudo aquelles jardins convidavam a sonhar e a amar.

A princeza Henriette, com o coração torturado por aquellas dolorosas scenas a que o rei a obrigára, sentiu como que um grande alivio deante daquellas maravilhas que a natureza lhe offerecia. Pousava o seu corpo formoso, que um lindo vestido realçava, num amplo banco occulto pelos buxos verdejantes, quando viu surgir junto de si a figura do duque de Chartres. Intimidada a principio, logo adquiriu o seu sangue frio, prompta a defender-se daquelle inimigo terrivel e seductor.

— Princeza do meu coração!... começou



Luiz Philippe de Orleans, duque de Chartres, principe de sangue real; e primo do rei. (Rodolpho Valentino).

o duque, approximando-se-lhe e fallando com extrema ternura.

Henriette abriu a bocca formosa num sorriso ironico e respondeu, desconcertando o duque:

- Essa exclamação é perfeita de mais para ser natural e sincera.
- Duvida, então, do amor que conseguiu despertar no meu coração?
 - Galanterias.
- Não. E' já um amor que começa a florir, a viver do encanto dos seus olhos, da magia da sua voz. Sinto, princeza, que encontrei afinal o meu primeiro e maior amor!...

Henriette não podia ficar indifferente áquellas palavras proferidas com tão doce carinho. A sua frieza começou a desapparecer e nos seus lindos olhos o duque pôde lêr vagamente encantadoras promessas. Para definitivamente a prender a si, balbuciou-lhe junto do rosto com a maior ternura:

— Princeza! Póde esperar tudo de um homem cujo coração está palpitando amorosamente por si.

Henriette sentiu-se vencida ao calor daquella paixão. Não era mais

possivel ficar indifferente a tanto amor. E quem sabe? Talvez que, com os seus beijos, com o seu coração, conseguisse arrancar o duque á marqueza de Pompadour, fazendo-o partidario da pobre rainha. Foi nessa esperança que, cedendo á paixão do duque, se lhe lançou nos braços. Um beijo ia sellar aquella alliança de amor, quando a prineeza exclamou:

— Philippe! Porque se não livra para sempre das garras dessa terrivel mulher que é a marqueza de Pompadour?

Foi como que um banho frio no enthusiasmo do duque de Chartres. A sua bocca readquiriu o riso ironico que tanto irritava Henriette e, desprendendo-se-lhe dos braços, disse-lhe galhofeiramente.

- Parabens, princeza! Aprendeu depressa as intrigas da côrte. Foi para conspirar contra a favorita do rei que me deu este "rendez-vous"?
- "Rendez-vous?" perguntou espantada a princeza. Eu... dei-lhe... um "rendez-vous?"

E na voz de Henriette appareceu de novo a irritação, o odio, o desespero com que ella se referia a todos os cortezãos, inclusivamente Philippe, da marqueza de Pompadour. O duque, vendo-a de novo irritada, voltou tambem ao seu riso ironico:

— Henriette! Diga a verdade. Nem a propria marqueza poderia exprimir tão bem com os olhos á linguagem do amor!

A princeza exaltou-se. Tomou uma attitude nobre, e olhando o duque de alto, disse-lhe com um grande ar de desprezo:

— Engana-se. O meu olhar, que julgou ser um convite, foi somente uma expressão de piedade! Deploro o seu procedimento de cortezão!

E como q duque parecesse querer continuar com as suas ironias, ella cortou-lhe a phrase, dizendo:

— Um pensamento vale mais que um olhar. E sabe o que eu penso de si?... Penso que é um escravo da favorita do Rei.

Penso que é um cortezão que prefere todos os amores ao santo amor conjuga!!

Não acceita, então,
 o meu amor? perguntou
 ousadamente o duque.

Não! respondeu

com rancor Henriette. Prefiro o amor de um homem honesto, mesmo que seja lacaio, ao seu amor! Quem sabe sophismar tambem sabe enganar!

A bofetada fôra forte de mais. O duque seutiu subir-lhe o sangue ao rosto. Ia repostar, talvez violentamente, quando Henriette de novo o interrompeu:

— Cale-se! Ha occasiões em que o silencio vale muito mais que as palavras!

E separaram-se, guardando no coração o maior rancor que não apagou, comtudo, a chamma de amor que ainda crepitava.

Luiz XV, naquella tarde, jantava no Trianon com a marqueza de Pompadour. Henriette e o duque de Chartres tinham de assistir porque haviam, para isso, recebido convite directo do rei. A' mesa sentava-se no logar
de honra, Luiz XV, tendo de um lado a princeza e do outro a marqueza sua amante. Correra o jantar entre riso, flores e vinhos capitosos. Henriette tinha o coração oppresso,
cheio de indignação, por se ver obrigada a
sentar-se á mesa da marqueza de Pompadour.

No final do jantar, Luiz XV ergueu a sua taça e saudou o duque:

— A' saude de meu primo, o duque de Chartres, que vae casar com a princeza...

O duque ergueu-se irado. O rei, vendo aquella attitude desrespeitosa e impropria, parou surpreso

- Saiba Vossa Majestade,
exclamou o duque, que este
casamento não
se póde realisar.

O rei ficou espantado, e com elle todos os convivas!

A princeza
Henriette disseme que prefere
o amor de um

lacaio ao meu amor!

Todos os olhares se voltaram para Henriette que tomára uma attitude altiva.

— Portanto — concluiu o duque — Vossa Majestade deve concordar commigo... deixando-me casar com quem eu bem entender!

E como a marqueza de Pompadour pretendesse acalmal-o, elle, no auge da indignação, exclamou:

Marqueza! estacs enganada! O homem que vós podeis governar com um sorriso está sentado alli! e indicou o rei.

Luiz XV ficou irritado deante da audacia do duque e gritou:

- Silencio! Haveis de casar com quem eu quizer e haveis de respeitar as pessoas que eu estimo.
 - -- Recuso obedecer a essas duas ordens!
 - Prendam o duque! ordenou o rei.

E Henriette, afflicta, temendo pela vida do homem que afinal amava, dirigiu-se ao Rei:

— Não mande prendel-o, Majestade. Eu tambem não quero casar com elle.



Monsieur Beaucaire

Luiz XV, sem escutar, ordenou a o s guardas: - Amarrem-no! Era tarde, porém. O duque, n'um salto, livrava-se dos seus perseguidores, detendo-os com a ponta da sua espada. Eram muitos contra um só, mas o duque tinha fama de esgrimista famo-SO.

- Fracalhões!
exclamava defendendo-se. Eu
não quero derramar o vosso
s a ngue, mas
tambem não me
deixo amarrar.
O duque de
Chartres não se
deixa prender.

Dito isto, num pulo rapido, saltou pela janella

e desappareceu, deixando a côrte estupefacta.



Dias depois vamos encontrar o ousado duque de Chartres refugiado na estação thermal de Bath, na Inglaterra, onde, no verão, se reune a alta aristrocracia ingleza. Occulta-se sob o nome de Monsieur Beaucaire e vive escondido em casa do ministro de França, o conde de Mirepoix, junto de quem exer-

ce, para melhor se occultar, as funcções de barbeiro.

A casa do embaixador de França tem a fre-

quencia mais chic da estação. Alli entram os aristocratas inglezes e os poucos francezes que vivem na Inglaterra. Sob o disfarce de barbeiro de Mirepoix, o duque de Chartres mal occulta as suas qualidades de gentil homem. Um grande desgosto o afflige: o não se poder usar da espada em Bath. Repetidas vezes se lamentava ao embaixador, que lhe facilitára a fuga:

Se eu conseguisse desafiar alguem para um duello, "morreria" de contentamento. Mas em vez disso o conde trouxeme para Bath, onde é prohibido andar de espada á cinta.

Isto lhe repetia uma manhã emquanto fazia a barba ao embaixador, tratando-lhe bem mal o rosto, por causa do seu enthusiasmo.

E o embaixador, com a cara dorida, dizia-lhe quasi a chorar:

- Caro duque! Eu estou arriscando a minha cabeça por vossa causa. Poupae-me, ao menos a minha pobre cara!
- Mas, conde! Eu sou um barbeiro eximio! e continuava a barbear "desapiedadamente" o infeliz diplomata, que a tudo se sujeitava para não se comprometter e não comprometter o duque, tanto mais que os salões da embaixada viviam cheios de curiosos que queriam por força saber noticias do escandaloso caso do duque de Chartres em Versailles. Era a conversa predilecta das visitas do embaixador, conversas a que o duque assistia e em que tomava parte sob o seu disfarce de Monsieur Beaucaire. Um dia disséra, como se tivesse as melhores informações do caso:
- A verdade é que o duque já foi enterrado. O Rei cravou-lhe um punhal no coração porque estava com ciumes da marqueza de Pompadour!

E o pobre conde de Mirepoix tremia com a ideia de que o duque se traisse com aquellas indiscreções, querendo, por força, que elle se retirasse do gabinete.

— Mas, meu caro conde. Se o seu barbeiro não lhe fizer a barba despertará suspeitas! Como sou feliz! Agora ninguem me conhece e eu estou livre das etiquetas da côrte!...

Assim conversavam um dia, quando annunciaram ao embaixador um enviado diplomatico de Paris, Vidame de Morbec.

- Conde! exclamou o duque assustado.

Agora é que sou obrigado a barbeal-o. Só assim é que Vidame de Morbec não me reconhecerá.

O enviado, que tinha pressa de dar cumprimento á sua missão, entrou no quarto de toilette do conde e disse desde logo ao que vinha:

— Sr. Embaixador! Vim encarregado de uma missão importante. O duque de Chartres não está na prisão! Encontra-se, segundo informações que tenho, na Inglaterra.

O infeliz embaixador ficou perplexo, nervoso, atrapalhado. Como Vidame de Morbec lhe notasse aquella inquietação, o duque de Chartres, o maneiroso barbeiro Monsieur Beaucaire, explicou:

— O Sr. conde está nervoso! Passou a noite no Club.

Vidame continuou, informando:

- A marqueza de Pompadour ainda não poude abafar a sua colera! Jurou que o duque de Chartres lhe ha de pedir perdão de joelhos.
 - Que crueldade! disse a sorrir o duque.
- E como eu sou um homem discreto e diplomatico, a marqueza escolheu-me para desempenhar esta importante missão.

E como o duque quizesse intervir de novo no conversação, Vidame impertigou-se, irritado com as impertinencias d'aquelle intruso:

— Cumpre-me dizer que dese, jo ficar só com o conde, porque sou portador de uma mensagem do Rei de França! Por ordem do Rei, esta mensagem não póde ser lida na presença de outras pessoas!

Era formal o convite a retirar-se. O duque, contente por não ter sido reconhecido pelo enviado diplomatico, fez uma larga mesura e saiu. Vidame entregou a mensagem que dizia:

"O duque de Chartres está na Inglaterra. Vá para Londres immediatamente afim de cooperar com a minha policia até conseguir prendel-o. Esta ordem tem que ser cumprida sem demora. Luiz, Rei de França"

- O conde de Mirepoix ficou aterrorisado. Todo o seu grande desejo era vêr longe de si aquelle duque que lhe tirava o somno e a tranquillidade d'um diplomata habituado a não fazer cousa alguma. Só o duque de Chartres rejubilou com a perseguição real.
 - Que alegria! Em Londres é permittido

usar espada. Vou, finalmente, gozar as delicias de um duello.

- Deus nos livre! exclamou, cheio de pavor. Meu caro duque, fique aqui. Não vá para Londres.
- Querido conde. Lembre-se que tenho vinte e tres annos e que ainda não cruzei a minha espada desde que estou na Inglaterra.

— Mas vae cair nas garras da policia!...

Denunciava tal pavor o rosto do atrapalhado diplomata, que o duque, condoido, socegou-o:

— Está bem, meu caro amigo. Permanecerei em Bath, só para lhe fazer a vontade.

E o duque, sem temôr aos esbirros do rei seu primo, começou a frequentar os logares habitualmente procurados pela aristocracia. A sua figura gentil, elegante, distincta, faziase notar; mas como passava por um individuo sem titulo, sem nobreza, era visto com despreso e altivez pelos nobres inglezes. Dentre estes um se prendeu pela simpathia que a pessoa do duque inspirava: John Molyneau. Quando uma tarde passava no parque da cidade, teve occasião de encontrar o duque e reparou que uns homens de aspecto duvidoso o espiavam, seguindo-lhe, occultos, os passos. Pressuroso preveniu o duque:

- Queira desculpar-me, mas está sendo seguido por dois sujeitos que parecem ladrões.
- O duque, que já tinha dado pela espionagen, sorriu e respondeu a Molyneau:
- Não é nada de importante. Meu pae foi para Londres, e os creados delle não querem que ninguem me faça mal.

O duque e Molyneau continuaram passeando e conversando no parque, quando no alto de uma escadaria surgiu uma figura estonteante de mulher, que um mundo de adoradores cercava. Era tal a sua formosura, tal o fogo que vivia nos seus olhos, que o duque ficou perplexo e perguntou a Molyneau:

- Quem é esta formosissima creatura?
- E' a senhorita mais bella de Bath, a adoravel lady Mary Carlisle.
 - Apresente-me. Quero conhecel-a.

Molyneau olhou-o espantado.

- Dá ordens como se fosse um principe. O duque, receando denunciar-se, atalhou:
- Não repare. Falo assim porque não conheço bem o seu idioma.
- Mas, meu amigo; para attrair a attenção d'aquella senhorita precisa ter um titulo. Quando ella gosta de uma pessoa dá-lhe

uma rosa. Que a tem agora em seu poder é o duque.

- O duque?
- O duque de Winterset, aquelle que vem a seu lado com o seu amigo, o famoso espadachim capitão Badger.

Lady Mary ia descendo, entre sorrisos, a grande escadaria. A sua formosura deixou como louco o duque de Chartres. Approximar-se-lhe, beijar-lhe os dedos côr de rosa, dizer-lhe, em palavras de fogo, a paixão que acabava, só com a sua presença, de lhe despertar no coração, foi um desejo que assaltou o duque. Quando ella, no orgulho da sua belleza estonteante, passou junto d'elle, aconteceu de lhe cair das mãos uma flôr que trazia. O duque correu, apanhou a flôr, e entregou-lh'a pondo o joelho em terra. O duque de Winterset, irritado, afastou-o com o bastão:

— Saia d'aqui, intruso!

O duque teve impeto de o esbofetear, mas Molyneau susteve-lhe o gesto e acalmou-o. Lady Mary passou sorrindo e o duque de Chartres ficou-a olhando embevecido. Depois, voltando-se para Molyneau, disse-lhe mais calmo:

— Desculpe, meu amigo. Não tornarei a incommodal-o. Mas assevero-lhe que hei de obrigar aquelle duque a apresentar-me elle proprio a lady Mary Carlisle!

VI



O duque de Winterset ia todos os dias aos salões da Assembléa, casa apenas frequentada por aristocratas, onde elle jogava até altas horas da noite. O duque de Chartres tinha de penetrar ali, fosse como fosse, sem descobrir o seu incognito, para se encontrar

frente a frente com o homem que se atreveu a injurial-o diante de uma mulher formosa. Accrescia que essa mulher era agora a sua unica preoccupação. Lady Mary conquistára plenamente o coração do duque de Chartres, que se deixára seduzir pela sua formosura e pela sua distincção.

Levado por Molyneau, o duque penetrou na Assembléa. A sua presença causou extraordinario escandalo, sobretudo a Beau Mash, um severo mestre de cerimonia da aristocracia de Bath. O duque aparentou indifferença diante da opposição que o cercava. Approximou-se do duque de Winterset e propoz-lhe jogar.

- Eu não jogo com pessoas desconhecidas! respondeu o duque de Winterset.
- Eu tambem não! retorquiu o duque de Chartres. Só jogo com quem tem ouro.

Mas o escandalo da arrogancia do duque de Chartres irritou o duque seu rival, que lhe replicou:

- Como se atreve a entrar neste salão? Não sabe que aqui só entram fidalgos e pessoas de alta distincção?
- Concordo! respondeu o duque; mas não esqueça que o ouro é o symbolo da realeza e o que ao Sr. parece ser logico... a mim me parece archeologico.
- O senhor é um simples barbeiro! replicou azedamente Winterset. Se tornar a entrar aqui será chicoteado pelos meus serventes.
- O duque de Chartres teve impetos de se atirar ao seu injuriador; mas, aparentando o mesmo sangue frio, respondeu serenamente e com um sorriso ironico:
- Como não posso vir aqui, convido-vos para um jogo nos meus aposentos, com paradas de uma libra até mil libras, com cartas ou dados... ou simplesmente pela rosa que tendes em vosso poder.

Era a rosa de lady Mary.

O duque de Winterset pensou em repellir o convite, por vir de quem vinha. Mas a sua paixão do jogo era tanta que acceitou o repto de Monsieur Beaucaire, barbeiro do embaixador de França.

O duque de Chartres sabia, por informações de Molyneau, que Winterset era trapaceiro no jogo. Para o apanhar na sua trapaça mandou collocar nos aposentos proximos, occultos pelas tapeçarias, varios serviçaes e o seu amigo Molyneau. Este avisara-o:

- Cuidado com o duque de Winterset que tem um bom espadachim como guarda-costas. E' o capitão Badger!
- Conhece o esforço que tenho feito para ser um bom esgrimista! Esse esforço tem que ser recompensado com meia duzia de duellos.

E como Molyneau lhe revelasse a sua convicção de que elle era, não o barbeiro Beaucaire. mas o duque de Chartres, que conhecera em Versailhes, Luiz Philippe não teve remedio senão confessar ao seu amigo a verdade, accrescentando:

— Sou realmente um duque; mas neste momento sou sómente um homem como outro qualquer e quero receber uma rosa das mãos da mulher que amo.

O duque de Winterset chegou, afinal, á casa de Monsieur Beaucaire, barbeiro do embaixador de França. Recebido com todas as attenções, conhecia-se-lhe no rosto o desprezo por aquelle pobre diabo daquelle barbeiro, a quem ia arrancar, com as suas habilidades, algumas libras. E Luiz Philippe, disposto a brincar com aquelle espertalhão, antes que o jogo principiasse, conversou animadamente, perguntando-lhe, afinal:

— Caro duque! Quando sair daqui vae para o baile da duqueza de Marlborough?

Winterset, irritado, replicou:

— Eu vim aqui para jogar e não para... conversar.

E o jogo começou. O duque de Chartres seguia com a maxima attenção os manejos de Winterset, que j gava descuidadamente, certo que iria vencer. A certa altura, suppondo o duque de Chartres distraido, trocou uma carta por outra, que trazia comsigo. O duque de Chartres, num salto, segurou-lhe o braço e gritou a sua indignação por tanta baixeza. Correram todas as pessoas que estavam occultas. Winterset recuperou o sangue frio, e diante da ameaça do duque de que revelaria a todos que elle era um trapaceiro, elle respondeu:

- Diga o que quizer. Todos hão de duvidar da palavra de um barbeiro contra a de um duque.
- Talvez assim fosse, se aqui não estivesse o Sr. Molyneau, que é fidalgo e amigo do conde de Chesterfield, que detesta mortalmente ... trapaceiros. Poderá dizer ao conde de que forma um duque tentou ganhar o dinheiro de um pobre barbeiro.

Winterset ficou acabrunhado, vencido. O duque approximou-se-lhe dizendo em tom baixo:

- Senhor duque! Resolvi ir comsigo ao baile, para ser apresentado a lady Mary Carlisle.
- Isso é impossivel. Um barbeiro não póde ir a um baile de fidalgos!

E o duque de Chartres replicou num sorriso maldoso:

—Mas deixarei de ser um barbeiro. E para lhe mostrar como sympatiso comsigo, serei um duque!... Serei o duque de Chateaurien... que significa... nada. E garanto-



Sr. duque! Resolvi ir comsigo ao baile para ser apresentado a lady Mary...

lhe que não irei procurar uma rosa nos canteiros de flores!

Winterset ficou perplexo. Mas, diante da ameaça de se descobrir a sua falta, teve de ceder. E o "duque de Chateaurien" foi ao baile da duqueza de Marlborough.

VII



O duque de Winterset, ao entrar no salão de baile da da duqueza de Marlborough, levava o inferno no coração. A seu lado, aquelle que elle suppunha um plebeu, o barbeiro, Monsieur Beaucaire, seguia altivo, risonho, todo flamante na sua toi-

lette de seda e ouro. Apresentado com o titulo de duque de Chateaurien, e como representante de uma das mais nobres casas da França, aquelles velhos e impertigantes fidalgos inglezes, estavam doi dos de contentamento com a honra que lhes dava a visita do duque. E diziam, maneirosos e sorridentes:

— Que honra para nós! Que grande honra! Winterset estava em brazas. Pensava no ridiculo que sobre elle cairia quando se descobrisse que equelle homem, que a todos apresentava como um fidalgo, e que de todos recebia gentilezas e attenções, era um simples barbeiro do embaixador de França. Havia, porém, mais alguma coisa que o desesperava contra aquelle homem e que elle queria evitar fosse como fosse: o encontro de Monsieur Beaucaire com lady Mary Carlisle.

Traçou desde logo um diabolico plano para collocar fóra do salão o audacioso barbeiro antes que lady Mary chegasse. Mandou chamar o seu guarda-costas, o espadachim capitão Badger. Apenas elle chegou, segredoulhe, de forma a que ninguem ouvisse:

— Desafie o barbeiro para um duello antes de lady Mary chegar. O capitão Badger comprehendeu a intenção do duque. Beaucaire tinha a sua sentença lavrada. Emquanto entre o duque e Badger se tramava a criminosa combinação, o duque de Chartres via-se cercado de attenções por parte de cavalleiros e damas, que o crivavam de perguntas a proposito de tudo e de coisa nenhuma. Como lhe falassem dos ultimos escandalos do duque de Chartres na côrte de Luiz XV, elle atalhou logo, pressurosamente:

Por favor não me perguntem nada a respeito do meu compatriota o duque de Chartres. Elle foi sempre um fidalgo desajuizado!

Mas ia respondendo a todas a mil perguntas, sobre as modas, sobre as mulheres, sobre o theatro, sobre toda a vida da côrte de França. Dentro de poucos minutos era o rei do salão. Winterset, que o vigiava, julgou necessario pôr um ponto na audacia do barbeiro e pediu-lhe para lhe apresentar o capitão Badger, seu amigo. O duque de Chartres tinha informações de Molyneau sobre a identidade deste capitão. Previu desde logo que se tratava dalguma perfidia do duque de Winterset, mas não se atemorisou e saudou o capitão com toda a cortezia. O capitão, que era audacioso, desfechou-lhe logo esta pergunta injuriosa:

— Eu só lhe desejava perguntar se todas as francezas são eguaes á tal princeza com quem o duque de Chartres recusou casar!

O duque de Chartres sentiu subir-lhe ao coração todo o seu sangue. Olhou fixamente o audacioso e disse, com rancor:

Todos sabem que o duque de Chartres é um fidalgo sem juizo... mas o nome da niulher mais pura de França não póde ser insultado na minha presença!

E esbofeteou-o. Era inevitavel o duello. Assim se satisfaziam os desejos do duque de Winterset. O barbeiro Beaucaire, que certamente morreria na ponta da espada de Badger, não se encontraria no baile com lady Mary. Badger, depois de esbofeteado, perfilou-se e disse:

Na sala de armas encontraremos as espadas que pertenceram ao general Malborough... poderemos bater-nos sem ninguem saber.

O duque de Chartres acceitou esse alvitre. Molyneau, convencido que aquillo não passava de uma armadilha, segurou o braço do duque de Chartres e quiz impedir o duello.

— Não permitto! Elle vae matal-o! Será um motivo para a França declarar guerra á Inglaterra.

O duque de Chartres respondeu-lhe num sorriso tranquillo e confiante. Nem Satanaz em pessoa poderia evitar aquelle duello. Voltando-se para as pessoas que estavam no salão, disse, curvando-se numa mesura:

— Mais uma vez mil desculpas... o capitão Badger e eu vamos jogar durante alguns minutos somente... em breve estarei de volta.

E, voltando-se para Molyneau disse:

— Meu amigo! Estou agora convencido que nasci para brincar com a morte.

E entraram, o duque, Badger e Molyneau, para a sala de armas, cuja porta se fechou. Winterset, satisfeito com o seu expediente, ordenou que tocasse a orchestra do baile, para que se não escutasse o tinir das espadas e talvez os gritos e esperou, ancioso, a chegada de lady Mary. Mas o mestre de cerimonias, pouco depois, correu afflicto a mandar parar os musicos que só tocariam quando a adorada lady chegasse. Foi um momento de anciedade para Winterset. Lá dentro, por obra sua, o atrevido barbeiro, senhor do seu segredo nas trapaças do jogo, devia estar recebendo estocadas de mestre que o mandariam desta para a melhor. Era essa a sua convicção. E nella estava quando os seus olhos espantados viram surgir na porta do salão o seu duque de Chateaurien — ou seja para elle Monsieur Beaucaire — ou para nós o duque de Chartres com o mesmo ar altivo de sempre, como se nada tivesse acontecido. Approximando-se do duque de Winterset, que quasi duvidava do que via, disse-lhe:

— Caro duque!... Julgava que o seu amigo... fosse um habil... jogador.

Winterset rangeu os dentes num movimento de rancor. A esse tempo entrava no salão, com todo o fulgor da sua belleza, a estonteante lady Mary Carlisle. Monsieur Beaucaire obrigou Winterset a apresental-o, e como elle insistisse em ficar junto de lady Mary, disse-lhe zombeteiro:

-O duque deseja ser substituido por mim, lady. O capitão Badger, seu amigo, está doente e deseja fazer testamento em presença do duque.

E, tomando-lhe as mãos, o duque de Chartres rompeu os primeiros passos do minuette com lady Mary Carlisle, que estava encantada com o seu gentilissimo par, correspondendo com os seus lindos olhos ardentes

á paixão que enchia os do duque de Chartres. E assim principiou aquella aventura de amor.

VIII



Toda a gente, no salão, parara para os ver dansar. Era, na verdade, um par elegantissimo, dansando com o mais abosluto rigor e graça. E toda aquella noite foi uma noite de sonho para o duque de Chartres

e para lady Mary Carlisle.

O par, em que se animavam duas mocidades radiantes, em que se descobria, á primeira vista, a atração natural que os devia unir, exerceu sobre toda aquella gente a mais invencivel seducção durante toda a noite festiva.

Entretanto, em França, a princeza Henriette soffria as consequencias do seu genio altivo. A imagem do duque continuava vivendo dentro do seu coração. Não mais delle se esquecera um momento. O perigo que a vida do duque corria pesava-lhe na alma como um remorso. Luiz XV, irritadissimo com tudo o que se passara, exigiu que a princeza apresentasse novas desculpas á marqueza de Pompadour. Era mais um sacrificio imposto ao orgulho da princeza; mas a esperança de que o duque fosse perdoado e pudesse regressar á França, deu-lhe coragem para o sacrificio. Seguida da sua dama de companhia, desceu aos aposentos da marqueza, que a recebeu friamente. Henriette suffocando no mais profundo do seu coração um grito de orgulho ferido, disse á marqueza:

— Marqueza! Venho pedir-lhe perdão e implorar-lhe também que peça ao Rei o perdão do duque de Chartres!

A favorita de Luiz XV não se commoveu com tanta humildade e respondeu asperamente:

— Princeza Henriette! Sabcis perfeitamente que o Rei nunca perdoarà um insulto feito em publico!

Henriette sentiu que o seu orgulho de princeza de sangue real de novo se libertava e respondeu altivamente á marqueza:

— Marqueza! Lembre-se que a sorte favorece as pessoas perseverantes.

E voltando-lhe as costas, disse:

— Fiz mal em vir aqui! Sem se despedir, retirou-se.

Entretanto, em Bath, o duque de Chartres esquecido da princeza amada, vivia todo preso ao seu novo sonho de amor. Na manhã seguinte á do baile, fez, segundo o costume do paiz, uma visita a lady Mary Carlisle, que o recebeu ainda no seu leito. O duque de Chartres ao entrar nos aposentos da mulher por quem se apaixonara, já ali encontrou o duque de Winterset. Os dois fidalgos trocaram olhares rancorosos. Aquella mulher formosissima tinha de ser de um delles. O amor do outro havia de ser sacrificado. O duque de Chartres, sentindo-se mais forte que o seu rival, resolveu vencel-o, derrotal-o com ironia.

- Duque! disse-lhe sorrindo, tenho notado que ultimamente não tem trazido uma rosa ao peito.
- E' que essa flor nem sempre nos traz felicidade! respondeu Winterset. E quando é uma rosa encarnada, dizem algumas pessoas que significa... derramamento de sangue!

Era claramente uma ameaça. O duque de Chartres não se desconcertou e repostou comironia:

— Uma rosa murcha quasi sempre á noite. E é por isso que muita gente arranja uma rosa viçosa todas as manhãs.

Era allusão clara á rosa formosissima que lady Mary tinha nas suas mãos delicadas, rosa que o duque de Winterset vinha ali supplicar. Não podendo mais supportar aquella situação ridicula diante da mulher que amava, despediu-se de lady:

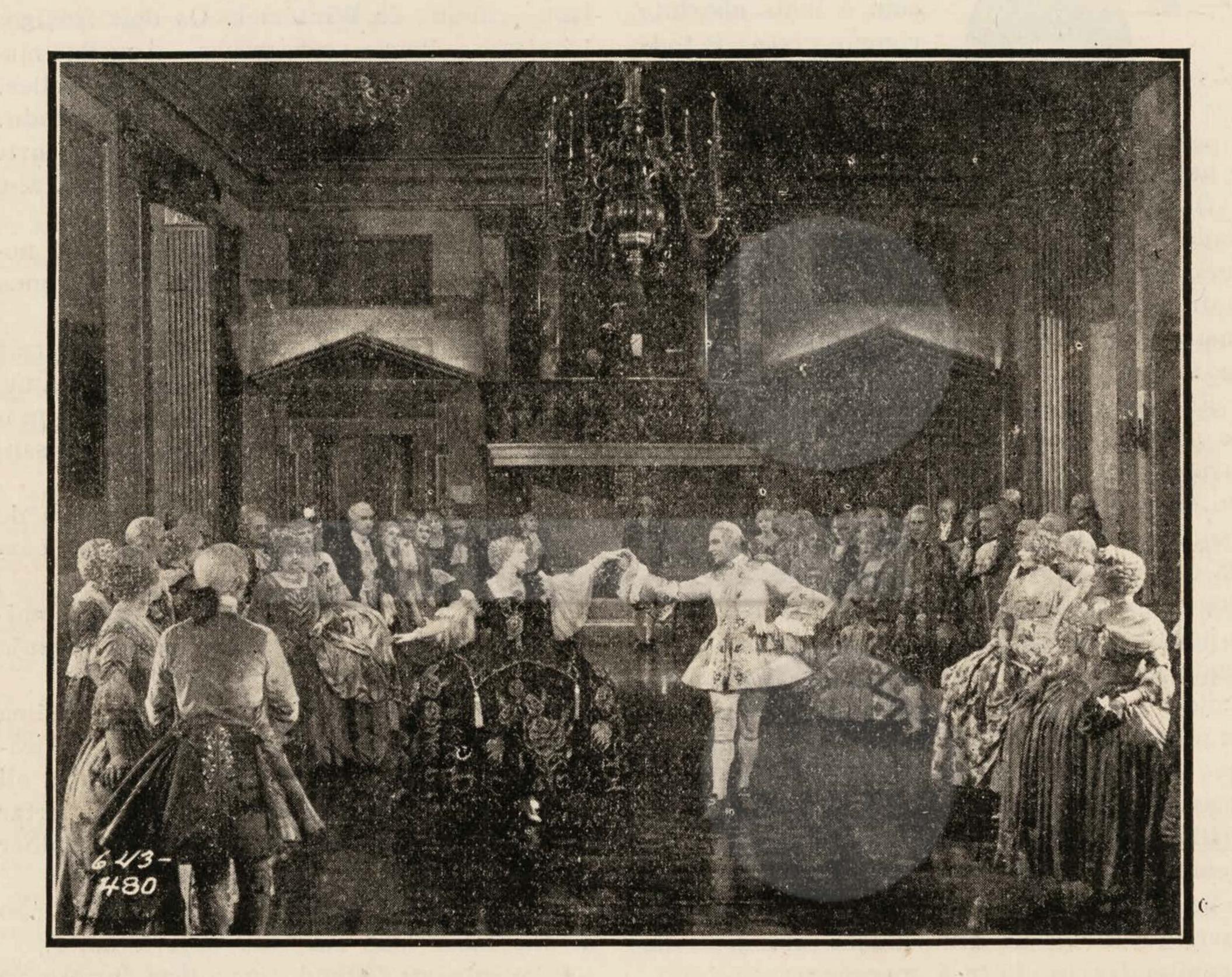
— Lady Mary, retiro-me para ter tempo de lhe fazer uma surpresa hoje á noite.

E retirou-se, deitando um olhar furioso ao duque de Chartres, que se limitou a enco-lher os hombros e a sorrir.

Sós, num ambiente perfumado, aquellas duas creaturas entregaram-se á paixão que lhes devorava os corações. O duque de Chartres ajoelhou junto ao ieito de lady Mary, que tinha, naquella toilette matinal, de seda e rendas, um delicioso encanto. O duque disse-lhe todo o amor que lhe ardia no peito; os sonhos encantadores que lhe povoavam as noites; o desejo ardente de a ter nos seus braços, de a arrebatar para sempre, de a possuir, de a prender eternamente junto ao seu peito. Lady Mary, segurando nervosamente a linda rosa nas suas mãos

pequeninas, semi-cerrava os olhos, como adormecida, com a musica suave daquellas juras de amor, e quasi desfallecia ao fogo daquella paixão. Dentro de poucos instantes as duas bocas uniram-se em beijos ardentes e foram momentos de infinito amor que viveram as duas almas. O duque de Chartres não mais se lembrava nem de Henriette, nem de França. Aquella formosissima ingleza dera-lhe a felicidade que lhe faltava e elle

dalgo. Chamando a si o seu antigo guardacostas, capitão Badger, que ardia tambem no
desejo de se vingar do duque que o ferira
e humilhara, organisou uma emboscada de
espadachins, que atacariam simultaneamente
o duque, quando elle descesse ao jardim. O
signal convencionado seria o som dum apito
dado por Winterset, que estaria alerta, espreitando os movimentos do duque. A Badger, Winterset entregou um chicote com que



Toda a gente no salão parcira para es ver darç r

ficou preso aos seus doces encantos, que lhe premiavam todos os sacrificios e soffrimentos. Era, emfim, feliz!

A' noite realisava-se, após o jantar, uma festa campestre no parque de Bath. Ali se reuniam todos os aristocratas. Lady Mary e o duque de Chartres esperavam anciosamente por aquella festa para se encontrarem e continuarem o seu lindo sonho.

Winterset, em cujo peito ardia um odio de morte, alli estava tambem para realisar a sua vingança. E essa vingança cruel denunciava a alma cobarde do despeitado fi-

elle marcaria no rosto o ousado barbeiro Beaucaire, a quem os dous odiavam cordealmente. Collocados nos seus logares occultos os espadachins, Winterset e Badger aguardaram que o duque descesse ao jardim, o que não se fez esperar. O duque, porém, trazia pelo seu braço a linda lady Mary, o que poderia causar, no ataque, embaraço aos espadachins. Winterset, comtudo, preferia que assim fosse para que a mulher que elle anava e o duque lhe roubára fosse testemunha do ultraje que elles iam inflingir ao ousado Monsieur Beaucaire.

O duque e lady Mary, ignorando a cobarde emboscada, desceram tranquillos ao jardim. que a essa hora da noite estava silencioso e só. O céo abria a sua cupula brilhante sobre a terra, e os dois amantes sentiam a felicidade infinita das horas tranquillas do amor, em que os corações se comprehendem e fallam a doce melopeia da paixão sem palavras. Levando pelo braço aquella mulher encantadora, o duque sentia-se mais feliz que nenhum outro homem do mundo, por mais poderoso que elle fosse. Lady Mary deixava-se conduzir presa do encanto daquelle amor mais ardente que nenhum outro que lhe tivesse feito bater o coração. Ambos fortes, jovens e bellos, aquellas duas creaturas pareciam talhadas uma para a outra e o destino acertadamente lhes unira os fios da vida.

Sobre o alvo banco de marmore, que os arbustos delicadamente cobriam, lady Mary sentou-se, emquanto o luar vinha, com os seus raios, tornar mais brancos os louros cabellos empoados. O duque de Chartres, a seu lado, todo ouro e seda, nada mais via, em nada mais pensava do que na felicidade daquelle amor. Houve o silencio eloquente em que apenas se escuta o bater dos corações. Olhos nos olhos, os peitos arfando de desejos mal contidos, as palavras eram inuteis. Por fim, lady Mary murmurou:

- Que noite serena e estrellada! E como é delicioso o aroma das flores.
- Tendes razão. O céo enfeitou-se com o seu manto estrellado porque sabe que a rosa mais bella do mundo está neste jardim! Para mim é como se fosse uma noite de sonhos, em um paraiso de ouro adornado de azul... o ouro do cabello da mulher amada, e o azul dos seus lindos olhos. Como lhe quero lady!
- Pobre de mim, duque, que já não sinto forças para resistir a esta paixão!
- Resistir para que? Se é a felicidade que nos aguarda! Todo o meu maior contentamento é sentir que a neve que cobria o seu coração se derrete com o sol do meu amor.
- Realmente. O meu coração, outr'ora frio, palpita agora ardentemente!
- E como lhe quero, lady Mary! Como lhe quero. Todo o ouro do mundo, todo o prestigio do mando, o trocaria de bom grado por um beijo seu, meu amor!
- Duque, por piedade!... balbuciou, perdida de amor, a pobre lady Mary, que caiu nos braços do duque.

Longo tempo as estrellas testemunharam os anhelos dos dous corações amantes entregues por completo ao seu sonho, esquecidos do resto do mundo!

IX

Durava já alguns minutos aquelle delicioso sonho de amor. O duque do Chartres sentia-se compensado de todos os soffrimentos porque encontrára a sua mulher ideal. Lady, tremula e pallida, supunha-se sonhando, porque aquelle amor lhe enchia o coração e, sobretudo, satisfazia a immensa vaidade. O seu orgulho de aristocrata inglesa estava plenamente satisfeito, vendo aquelle nobre moço francez a seus pés, suplicando-lhe o seu amor. E o duque, cada vez mais apaixonado, suplicava, duvidava.

— Tem a certeza de que me tem amor? Tem a certeza que o seu coração corresponde ao sentimento amoroso de um homem simples que a adora, que daria a vida por si?

E assim continuava o duque, dizendo a lady toda a sua paixão, quando um silvo agudo cortou o silencio da noite. Logo detrás dos arvoredos romperam algumas espadas, que homens embuçados empunhavam, e que cairam a esmo sobre o duque de Chartres. Este mal teve tempo de despir o seu luxuoso casaco de sêda e desembainhar a espada. Se se tivesse demorado um instante mais, era um homem morto. O ataque foi inesperado e violento. Lady, surprehendida, tentou impedir com o seu corpo aquelle ataque cobarde, quando surgiu Winterset que lhe tomou o braço, dizendo:

— Espere! Esse pleheu está recebendo o castigo que merece!

Sem comprehender, lady Mary, horrorisada, assistiu em afflicções aquelle ataque insolito de tantos homens contra um só. Dos salões do palacio correram para a varanda todos os convidados que alli se encontravam. Era um espectaculo soberbo ver como aquelle moço, só com a sua espada, punha em debandada tanta gente, derrubando este, mal ferindo aquelle. Foi um lutar sem treguas que parecia não querer acabar. O duque, o olhar firme, a espada agil, o pulso vigoroso, ora recuava, defendendo a rectaguarda com um pequeno monumento que alli se encontrava; ora investia, furioso, dispersando os ataques. A certa altura, o seu pulso fraque-

jou. Foi apenas o tempo de mudar de mão, e atacou, de novo, com impeto.

Winterset mordia os labios de raiva, lady sorria de orgulho e de vaidade por se saber amada por tão valente moço.

De repente, um dos espadachins conseguiu tocar um hombro do duque, e o sangue jorrou. Foi um rapido instante de pavor. O duque suspendeu o sangue com uma das mãos e com a outra continuou defendendo. Eram já menos os atacantes, mas era tambem menos energica a defesa do duque. Pouco a pouco, o golpe do hombro foi produzindo as suas funestas consequencias. Foram-lhe rareando as forças e um momento houve em que os espadachins poderiam ter atravessado o corpo do duque com as suas finas espadas. O duque, vendo de relance o perigo, gritou:

— "A' moi! François, Jacques, Henri! A' moi!"

Logo dum ponto afastado do parque correram tres homens, que eram tres creados
que o duque trouxera de França para seu
serviço, e que a murro despersaram os dous
ou tres homens que, já feridos, ainda lutavam com o duque. Era já tempo. O duque
já se sentia desfallecer. Se o não amparam,
cairia sem sentidos. Um dos creados, mais
solicito, atreveu-se a censural-o:

__ Meu senhor! Por que não nos chamou ha mais tempo?

_ Foi tudo uma delicia... até que...

E um novo ameaço de desmaio sobreveiu. Deram-lhe um cordeal. Estancaram-lhe o sangue da ferida e conseguiram assim que elle se reanimasse um pouco, podendo caminhar até junto de lady Mary que o esperava chorosa.

A situação do duque de Winterset era a mais difficil e embaraçosa. O seu olhar duro e cruel não se atrevia a pousar no rosto de lady que estava sentindo contra elle um odio de morte. Era claro que aquella emboscada fôra obra de Winterset, cujo caracter vingativo ella conhecia perfeitamente. Se não fosse uma mulher, esbofeteal-o-ia. A antipathia que de ha muito vinha despertando Winterset no seu coração, transformava-se neste nomento em odio, e em odio profundo.

Trouxeram até junto de lady o duque de Chartres, amparando-o os braços amigos dos seus creados. Mary, vendo assim tão gravemente ferido aquelle que por ella soffria, approximou-se-lhe, para o amparar também com os seus braços. Neste momento, Winterset

adeantou-se como para fazer ou dizer alguma cousa. Lady Mary cravou nelle um aspero olhar de censura e disse-lhe com despreso e altivez:

— Já que se portou como um lacaio, chame o meu carro.

Winterset recebeu aquella bofetada impassivelmente, e, obedecendo, chamou a carruagem de lady Mary. Quando ella chegou ao ponto em que lady e o ferido duque de Chartres se encontravam, e Winterset viu que lady Mary Carlisle, um dos grandes nomes aristocraticos da Inglaterra, ia acolher na sua carruagem um simples barbeiro, não teve mão em si e viu-se na obrigação formal de impedir que tal cousa se realisasse. Collocando-se em frente da porta da carruagem, não deixou que o duque de Chartres nella penetrasse. Este comprehendeu perfeitamente a razão do gesto de Winterset e disse a lady Mary, com a sua voz enfraquecida pelo derramamento de sangue, que lhe tirára as forças:

— Meu amor! Chegou o momento em que o duque de Winterset é obrigado a dizer-te a verdade.

Mary ficou espantada e surpresa com semelhante declaração.

— A verdade?... Que verdade?...

E Winterset, que esperava aquelle instante para a sua suprema vingança e que via com elle renascer a esperança do seu amor despresado, apontou para o duque de Chartres e declarou a lady Mary, com o maximo rancor:

— Lembra-se de Beaucaire, o barbeiro do embaixador de França, na noite em que foi expulso da sala de jogo?... Pois este homem é esse barbeiro. Roubou o distinctivo do patrão para lhe conquistar o seu amor!

Se uma fera monstruosa tivesse surgido na presença de lady, não lhe teria despertado maior pavor e nojo do que lhe despertava naquelle momento a figura desolada e abatida do duque de Chartres. Pois fôra a um barbeiro, a um vulgar plebeu, a um ninguem, que ella dera os seus beijos, o calor dos seus braços? Como se atrevera a tanto aquelle homem? E o preconceito do sangue tinha tanta força na alma desta linda mulher, que todos os juramentos de amor, todas as promessas, todas as horas infinitas de paixão, se desfizeram, se esqueceram, se apagaram, deante dessa circumstancia, que para ella era um crime, do seu amado não ser um fidalgo.

E como ainda no seu espirito se levantasse uma duvida sobre tão estranho caso, depois das palavras de Winterset, voltou um olhar interrogativo para o duque de Chartres, como para dizer-lhe: "Falle"!

Ao duque de Chartres veiu então a idéa original de experimentar o caracter daquella mulher; de conhecer-lhe verdadeiramente a alma. Para isso, elle que podia destruir, derrotar, abater Winterset com uma só palavra, resolveu persistir no embuste. Olhou fixamente lady Mary e disse:

— Sim. Sou o barbeiro Beaucaire.

Foi como se um raio caisse alli, bem perto de Mary. Teve um gesto de repugnancia. Olhou de alto aquelle homem que na sua presença se encontrava, por sua causa, com as roupas ensanguentadas e amparado pelos seus creados, e voltando-se para Winterset, que estave radiante, disse-lhe:

— Caro duque! O senhor deve estar ferido. Consinta que o leve na minha carruagem para o seu palacio.

E entrou na carruagem, não mais olhando para o homem a quem, ha poucos momentos ainda, dizia adorar.

Winterset, radiante com os resultados da sua vingança, quiz ainda tripudiar sobre a sua victima e dirigir-lhe palavras e ameaças de rancor:

— Barbeiro maldito! Se amanhā ainda estiveres aqui...

O duque de Chartres, pedindo ainda ao seu abatido organismo um pouco de força, olhou Winterset com despreso e poude declararlhe:

— De hoje a sete dias, sabbado, ás 9 horas da noite, estarei nos salões da Assembléa. De hoje a sete dias, o duque de Winterset será de novo desfeiteado!

Winterset, convencido que de nada valiam aquellas ameaças, deu de hombros, sorrindo, e entrou na carruagem em que estava lady Mary com quem partiu.

O duque de Chartres viu desapparecer a carruagem nas aleas do parque, e, com ella, mais uma illusão desfeita, que punha termo a um amor que elle tinha tido a veleidade de julgar eterno. Aquella mulher, que elle chegára a suppôr a sua mulher ideal, era apenas um pouco de barro fragil, ridiculamente futil, tendo no logar do coração um banal escudo de armas, um preconceito.

Mas os momentos corriam. Era preciso levar d'alli o ferido e pôl-o a salvo das vinganças de Winterset. O duque sentia-se cada vez mais desfallecer.

— Parece que estou em um jardim de lindas rosas!... dizia.

De repente, as forças faltaram-lhe de todo e elle desfalleceu. Immediatamente os criados, com o auxilio de Molyneau, o levaram para longe daquelle logar.

Durante uma semana, o duque de Chartres esteve occulto, tratando o seu ferimento, em casa de um camponez. Ahi, emquanto ia revigorando as suas forças physicas, ia meditando nas linhas do seu destino, tão cheio de aventuras, mas tambem pleno de desillusão. A aspereza, a ingratidão, o despreso de Mary, que elle amara com paixão, felo recordar essa outra encantadora creatura que o amara e com quem poderia ter sido feliz, com essa dôce e delicada Henriette, que preferia o amor de um lacaio, comtanto que elle fosse um homem honesto e sincero. Como elle fôra louco em procurar n'outro paiz a felicidade que no seu lhe sorria!

Os intimos visitavam-no frequentemente, sobretudo Molyneau. Uma tarde elle confessou ao seu amigo:

— Não é o meu ferimento que me faz soffrer; são as recordações. Em França regeitei o amor de uma mulher... para vir procurar na Inglaterra um thesouro egual, mas evidentemente inferior.

E como notasse a roupa luxuosa que o amigo envergava, perguntou:

— Está em traje de gala. Vae a alguma reunião de etiqueta?

— Vou á festa dos salões da Assembléa. Foi como que lhe cravassem no peito uma espada, ao ouvir estas palavras. Estava, pois, chegado o dia da sua promessa e os seus creados não o tinham prevenido. Saltou do leito, mesmo assim mal curado, e gritou pela creadagem, dizendo-lhes:

— Não sabem que a honra vale mais do que a saude? Por que me não disseram que hoje era sabbado?

A idéa de que poderia faltar á sua vingativa promessa feita a Winterset desesperava-o. Iria á Assembléa, fôsse como fôsse, acontecesse o que acontecesse. Jurára desfeitear Winterset e desfeitea-lo-hia. Molyneau avisava-o:

- O duque de Winterset cercou o edificio da Assembléa com um exercito de policias.
- Não importa. Penetrarei no edificio de assalto, se tanto fôr preciso.

Pediu logo as suas vestes mais imponentes, mas recamadas de ouro e prata. Apesar de, quando em quando, sentir que as forças lhe faltavam, foi invergando os ricos trajes com todo o cuidado e requinte. E á hora certa partiu.

X

A's 9 horas da noite os salões da Assembléa regorgitavam. A fria raça inglesa, n'estas reuniões sociaes, perdia a sua habitual serenidade e attingia o maximo nas expansões de alegria, o maximo que ia até ao exagero por vezes. Musica, flores, lindas mulheres e vinhos capitosos, de tudo se encontrava n'estas festas aristocraticas, absolutamente vedadas aos pobres e miserandos plebeus. Só alli tinha entrada quem possuisse indiscutiveis fóros de fidalguia, da mais modesta á mais requintada.

Winterset estava radiante. O seu inimigo não podia alli penetrar, porque fizera cercar o edificio d'uma severa vigilancia. Depois da scena em que o atrevido barbeiro Beaucaire soffrera o mais tremendo dos castigos, o despreso da mulher cujo coração conseguira despertar, Winterset estava convencido que elle não ousaria aparecer de novo no meio dos fidalgos, nomeadamente alli, onde o esperaria um castigo severo, a morte talvez. Winterset esperava, sobretudo, a formosa lady Mary Carlisle, que lhe pagaria a dedicação com o mais sincero e grato amôr. Vencera afinal.

Pouco depois das nove horas da noite, chegou ao edificio da Assembléa n'um côche luxuoso uma elegante senhora que o cavalleiro Molyneau trazia pelo braço. Um véo espesso occultava-lhe o rosto, o que tornava ainda mais interessante a sua figura. Subiu a escadaria. Entrou no salão. Todos os homens a cercavam, enthusiasmados com o mysterio d'aquelle trage, querendo adivinhar-lhe as linhas do rosto, que devia condizer com a elegancia do corpo.

Dos mais atrevidos na perseguição á dama, velada, de salão em salão, era Winterset. Dirigindo-lhe os seus galanteios sem espirito, tornava-se quasi impertinente. A dama talvez no intuito de se ver livre d'elle, lançou-lhe aos pés uma rosa que ella trazia na mão, rosa que o duque Winterset, enthusiasmado, levantou e beijou. Todos á volta o felicitaram e lhe presagiaram mais uma aventura ga-

lante. Em seguida a dama desapareceu, seguindo-a Molyneau, que com ella entrou n'um gabinete privado da toilette.

Winterset foi pelos salões estadear a sua vaidade de conquistador e a rosa recebida. Já não se fallava d'outra cousa. Winterset era absolutamente e nesciamente feliz. Como Badger lhe deitasse um pouco de agua fria no enthusiasmo, lembrando-lhe a presença de Beaucaire, elle, sorrindo, atalhou:

— Não tenha medo! Lá fóra estão vinte policias e aqui dentro outros tantos.

A esse tempo, a dama velada, no gabinete privado, tirou os seus trajes. Por baixo surgiu, com toda a sua elegancia, o duque de Chartres, esse terrivel Monsieur Beaucaire, de quem Winterset se julgava livre, mercê dos seus quarenta policias. O apaixonado fidalgo francez cumpria a sua palavra: estava alli para injuriar de novo o seu ridiculo rival, o duque de Winterset, que nesse momento se julgava bem livre do seu inimigo.

Pouco depois da entrada do duque de Chartres chegou ao palacio da Assembléa a orgulhosa lady Mary Carlisle. Desde que a sua vaidade de aristocrata soffrera a beliscadura d'aquelle amôr tão fallado com um simples barbeiro, nunca mais se apresentára em publico, para que se calassem as boccas alheias e se esquecesse aquelle incidente da sua vida de amorosa. Não estava em questão o seu amôr; mas o seu orgulho. Passados aquelles sete dias, novos acontecimentos vieram interessar o palreiro da sociedade elegante e ella podia vir, de novo, ostentar nas festas a sua beleza deslumbrante. Parecia até que o escandalo da festa do parque lhe grangeara novos e enthusiastas admiradores, porque o numero dos que a cortejaram desde a sua entrada no salão era muito maior do que o costume.

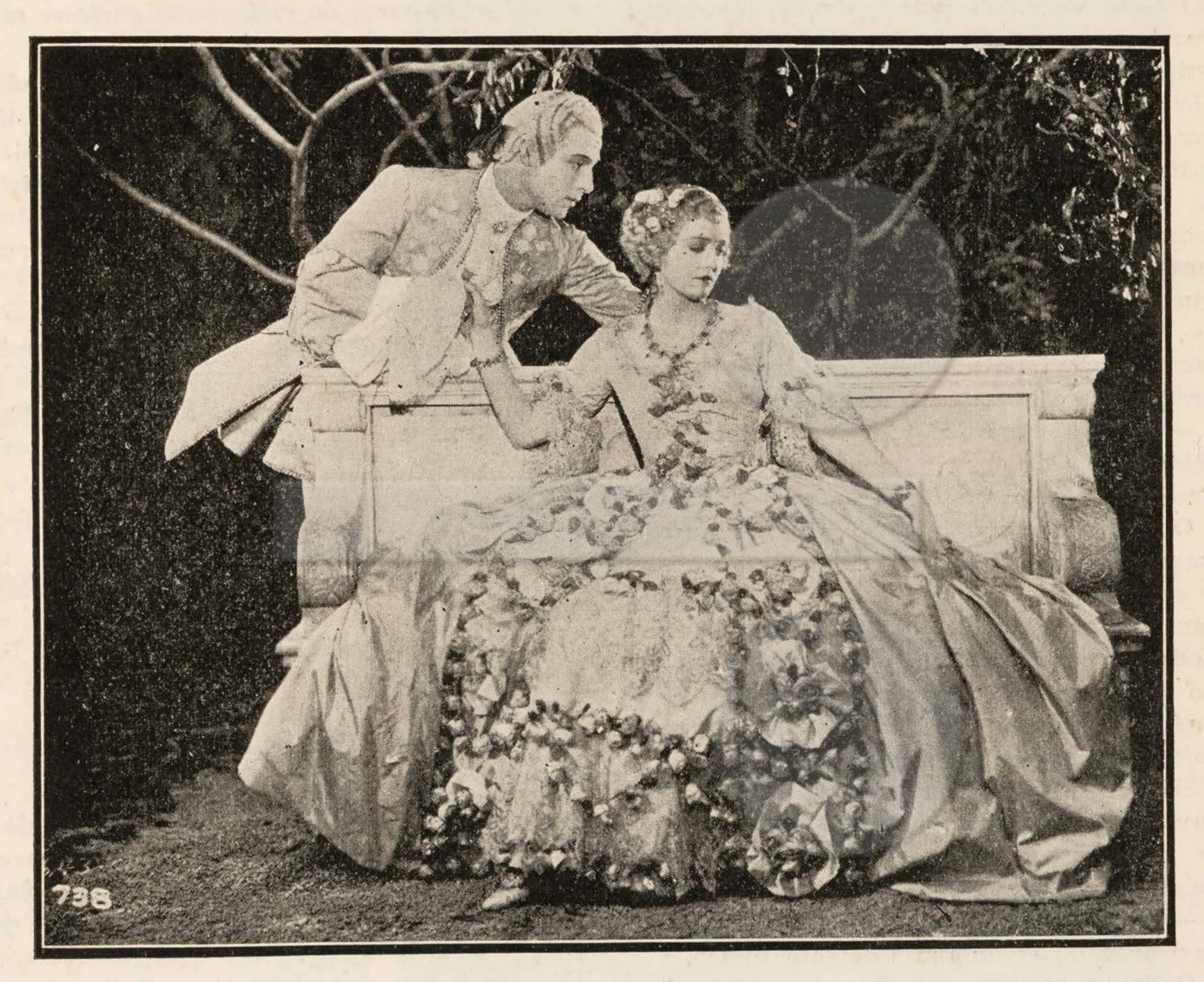
O duque de Chartres, esse ficára sosinho no gabinete em que o deixara Molyneau aguardando que elle lhe trouxesse lady Mary Carlisle, a quem elle devia apresentar as suas desculpas e justificações. Entretanto, a recordação da sua vida passada, dos dias felizes que atravessára na sua patria, vieram encher-lhe de saudade o coração. De que servia correr aventuras pelo mundo, se em toda a parte se encontrava a mesma alma humana, cheia de perfidias e de maldades?! E que haveria no mundo que compensasse a

felicidade de viver em sua propria patria?! E logo ás suas recordações se misturou a figura querida da princesa Henriette, cuja belleza de espirito, e grandeza de caracter elle podia agora avaliar, comparando-as com as dessa futil creatura por quem elle alli se encontrava, com a sua saude seriamente abalada e a sua alma desilludida. E lembrava, com remorso, a phrase tão justa que o separara da sua querida e boa Henriette: "Prefiro o amor de um homem honesto,

teve Molyneau artes de a trazer até alli. Quando a vaidosa creatura deu com os olhos no duque de Chartres, o seu primeiro gesto foi na direcção da porta para retirar-se. Molyneau impediu-lhe o gesto:

— Lady Mary! Por favor ouça o que o meu amigo tem a dizer-lhe.

Lady ficou a meio do gabinete, com o rosto voltado sem se atrever a olhar de frente o duque. O duque de Chartzes adeantou-se respeitosamente e disse:



"Duque! Por piedade!..."

mesmo que seja um lacaio, ao seu amor! Quem sabe sophismar também sabe enganar!" Entretanto, aquella orgulhosa lady Mary, cuja belleza estava longe de se comparar com a de Henriette, esqueceu todas as suas ardentes promessas de amor porque o suppunha um plebeu.

N'estas tristes cogitações mergulhava o pensamento do duque de Chartres, quando despertou com a presença de lady Mary que entrava no gabinete pela mão de Molyneau. Sem lhe dizer uma palavra sobre o duque

— Lady Mary! Eu não lhe disse a verdade na noite em que fui ferido... Um titulo, lady, não mostra o caracter de um homem. Se cu lhe disse que era o barbeiro Beaucaire... simplesmente um homem honesto...

Lady Mary, que o vinha escutando com manifesta má vontade e irritação, cortoulhe a palavra, voltando-se para Molyneau e dizendo:

— Sr. Molyneau! Perdoar-lhe-hei o terme obrigado a fallar com um servente, se me conduzir novamente para a sala do baile."

O duque de Chartres sorriu mais por piedade do que por despreso. E antes que lady Mary se retirasse pôde ainda dizer-lhe:

— São certos preconceitos que amesquinham... um homem.

Lady Mary olhou-o com o maximo dos despresos, deu-lhe violentamente as costas e retirou-se. Pouco depois, o duque de Chartres e Molyneau entravam egualmente no salão de baile. Ao vêr o duque, Winterset quasi teve uma apoplexia. Corno conseguira entrar aquelle ousado no edificio da Assembléia? Era preciso desmascara-lo para sempre e dar-lhe um castigo que lhe aproveitasse para de uma vez lhe tirar a veleidade de aparentar o que não era. Winterset receava, sobretudo, que o barbeiro Beaucaire cumprisse a ameaça de o denunciar publicamente como trapaceiro, para provar o que — como elle sabia — não faltavam testemunhas. Foi, pois, direito ao duque e sem hesitar disse aos que o rodeavain:

— Este homem não é nem nunca foi fidalgo! Este plebeu roubou as ordens d'um Principe de Sangue Real!

O duque de Chartres ia dar ao ousado trapaceiro o castigo que elle merecia. Mas o embaixador francez chamou-o de lado para tratar assumpto de alta importancia. Toda a aristrocracia ingleza, mais ou menos no conhecimento das accusações de Winterset, afastou-se isolando o grupo formado pelo embaixador, pelo duque de Chartres e Molyneau. Pouco depois entrou no salão um enviado diplomatico de França e aproximouse do duque a quem entregou uma carta, beijando-lhe a mesmo tempo a mão.

— Que asno perfeito! Está beijando o barbeiro! observou um fidalgote inglez.

O duque rompeu os sellos da carta e leu. O documento dizia:

"Volte para Versailles, meu caro Duque de Chartres, e poderá casar com quent quizer. Estamos com saudades suas. Luiz, Rei de França".

E um pouco mais abaixo lia-se:

"Venha, caro Duque! Estamos morrendo de aborrecimento. Com cordiaes cumprimentos da Marquesa de Pompadour".

De posse de tão amavel documento, o duque de Chartres creou alma nova. Não era preciso mais manter o seu disfarce e chegára a hora da sua vingança. Winterset, que

estivera examinando as attitudes do embaixador e do enviado diplomatico francez com o homem que elle, até alli, supunha ser o barbeiro Beaucaire e a quem acabava, novamente, de injuriar em publico, ficou intrigado e receoso. Evidentemente, alguma cousa de extraordinario se iria passar. A sua vontade era fugir, se tal lhe fôsse possivel. Mas o duque de Chartres não o perdia de vista. Dobrando vagarosamente o documento real e fitando energicamente Winterset, adeantou-se até meio do salão e dirigindo-se aos circumstantes disse em voz alta:

— Senhores! Na realidade, eu fui ou passei por ser Monsieur Beaucarie, barbeiro de sua excellencia o Sr. Conde de Mirepoix. Mas hoje o barbeiro Beaucaire não existe mais. Porém, o homem que o apresentou n'esta sociedade apenas para salvar a sua homa, esse está alli.

E apontando Winterset, gritou:

— E' um duque que faz trapaça quando joga.

Winterset ficou tremulo, apavorado. Mas reagindo um pouco contra o seu temor, teve ainda coragem para dizer:

— Não sei quem sois, mas exijo saber o nome do homem que me accusa!

Adeantou-se então o embaixador francez e disse:

— Não conheceis quem vos accusa? Eu vol-o apresentarei, a vós, Sr. duque, e a todas as pessoas presentes.

E curvando-se deante do duque de Chartres, disse em voz bem alta:

— "Peço permissão para vos apresentar Sua Alteza Real Luiz Philippe de Orleans, Duque de Chartres, Principe de Sangue Real, Par do Reino da França, Governador do Delphinado, Cavalleiro do Tosão de Ouro, Veneravel dos Cavalleiros de Malta, Commandante da Ordem de Notre Dame, de Mont Carmel, do Saint-Esprit e de S. Lazarus de Jerusalem!"

E de novo se curvou deante do duque.

O espanto era geral. Lady Mary Carlisle teria querido, naquelle momento, que a terra a devorasse, para que se não visse no seu rosto a vergonha que a atormentava. Aproximou-se do duque e pondo nos seus formosos olhos todo o brilho do amor e da humildade, quasi só balbuciou:

— Querido Duque! Poderá perdoar-me?

- Nada tenho a perdoar, respondeu o du-

que de Chartres com um sorriso em que havia muito de ironia. Sou até seu devedor. Foi lady Mary quem me ajudou a recordar que ha no mundo uma mulher a quem amo e que prefere o amor de um homem honesto, mesmo que seja um lacaio, ao amor de um fidalgo! Volto para França, lady, e hei de obter o perdão d'essa divina mulher.

E, acompanhado do embaixador, dispu-

nha-se o duque a retirar-se para naquella mesma noite seguir viagem. A' sua passagem todas aquellas mulheres, todos aquelles homens, se curvaram reverentes deante da creatura que pouco antes injuriayam. Quando o duque viu Molyneau seguir o exemplo de todos, fel-o erguer o rosto e abraçou-o:

Deixe os outros curvarem a cabeça... a isto! e apontou as insignias. A minha maior satisfação é de que, comsigo, adquiri um bom amigo.

Deitando a Winterset e a lady um olhar de supremo despreso, o duque de Chartres deixou o salão.

rr de Bath a Ver-Para sailles precisava-se viajar tres dias. O duque de Chartres e a sua comitiva galgaranı essa distancia no menor tempo possivel. O duque levava a anciedade no coração. Queria ter a certesa immediata de que tinha sido perdoado, não somente pelo Rei e pela favorita, mas por aquella que era agora a suprema esperança da sua vida, aquella que fôra sempre a imagem que lhe povoava os sonhos. Chegar a Versailles e correr ao palacio real soi um niomento. No parque florido e sombrio encontrou aquella que o seu coração procurava. Scismando, pensando no regresso do homem que ella amava, a princeza Henriette estava descuidada quando o duque surgiu perto do banco em que ella se sentára. Breves palavras de saudação e o cair nos braços um do outro, foi sonho que se realisava. E um beijo forte, um beijo longo, um beijo apaixonado sellava a alliança daquelles corações que o destino quiz por força unir.

____ FIM ____



E um beijo sorte, um beijo longo...

No proximo numero:

the property of the same of

the free the transfer of the first of the fi

Oinferno de Dante

Grandiosa super da Fox-Film

Alguns dos primeiros grandes films da Paramount Picture

O Peccador Divino

PERSONAGENS

Alonzo de Castro . . . ROD. VALENTINO
Carlota Sancho . . . Nita Naldi
Julieta Valdez Helen D'Algy
Florencia Dagmar Godowsky
Estrella Louise La Grange
"El Tigre" George Siegman
Balthazar de Castro E. Rogers Lytton
Encarnacion de Castro Claire West
Sancho Rafael Bongini
Casimiro Jean Del Val
Luiz Mendoza . . . Antonio D'Algy

Fazendeiros, cavalleiros, camponezes, bailarinas, criados, etc.

Uma familia hespanhola emigra para um paiz estrangeiro. Alonzo de Castro (Rudolph Valentino) antes de estar noivo com Julieta Valdez (Helen D'Algy) tinha feito a côrte a Carlota Sancho (Nita Naldi) que tem certeza de que a belleza perfeita da mulher consiste em ter um corpo esculptural.

Principia este film na fazenda dos De Castro, uma semana antes do casamento de Dom Alonzo com Julietta Valdez, que deve chegar de um paiz visinho e de accôrdo com antigas tradições, o noivo tinha que ir ao encontro da noiva, escoltado por todos os seus amigos.

Emquanto a fazenda está sendo ornamentada para a grande festa nupcial, Dom Alonzo cumpre com esse dever e cavalgando com os amigos em fogosos cavallos, vão alegremente ao encontro de Julietta, que fica encantada com a enthusiastica recepção.

De volta á fazenda, a avó do noivo, que conhece bem as formulas e praxes sociaes e as regras de civilidade e etiqueta, declara que os costumes dos nobres antepassados da familia não podiam ser alterados. Portanto, o noivo não poderia tornar a falar com a noiva senão no dia do casamento, e conclue dizendo: "Os costumes antigos são muito

proveitosos e ensinam muitas virtudes ás esposas... modernas!"

Febricitante de amor, Dom Alonzo, que já está apaixonado pela formosa Julietta, fica desesperado com a declaração da avó, que elle acha cruel e deshumana.

O amor é um tyranno dos nossos corações e é nesse momento que Carlota Sancho, filha de um dos empregados da fazenda, lembra a Dom Alonzo que o seu amor não devia ser esquecido. Dom Alonzo affirma que não existe nenhum compromisso entre os dois. Pelo contrario, tinha sido ella, com seus feitiços e encantos que o tinha seduzido. Carlota leva o caso para brincadeira, mas, depois, jura vingar-se. Os ciumes que ella sentia obrigavam-na a cumprir cegamente as ordens do coração.

De accôrdo com o bandido "El Tigre", que está apaixonado por ella, a ciumenta Carlota traça o seu plano de vingança. No dia do casamento, depois das festas, e antes da noiva entrar para a alcova nupcial, a fazenda é assaltada e incendiada. Durante a luta, Julietta é raptada pelo audaz bandido, que tambem leva comsigo a pretenciosa Carlota.

Restabelecida a calma, mas abatido de corpo e espirito, Dom Alonzo persegue "El Tigre" e chega justamente quando o bandido está abraçando e beijando a formosa Julieta, que corresponde ás caricias delle. Dom Alonzo, horrorisado, jura nunca mais ter fé em mulher alguma.

O homem é um conjuncto de poucas virtudes e muitos vicios e desde esse dia, Dom Alonzo passa a vida em baixas camadas sociaes, amando e despresando todas as mulheres. Um dia, porém, a verdade vem ao seu conhecimento. Quem beijava "El Tigre" não era Julieta, mas Carlota, que lhe tomára as roupas, para melhor dar a impressão que martyrisasse Dom Alonzo. Esclarecida a verdade, Dom Alonzo e Julieta iniciam o caminho da sua felicidade.

A CIDADE DAS MARAVILHAS

PERSONAGENS

Senhora O'Day . . . Louise Dresser
Marcos Roth . . . Ricardo Cortês
Senhora Kendall . . Kathlyn Williams
Molly Kendall . . . Virginia Lee Corbin
Cliff Kelly Pierre Gendron
Mike James Farley
Tim O'Day Ben Hendricks
Molly, menina . . . Vondell Darr

Em companhia da sua filhinha Molly vivia o casal O'Day no seu botequim de Bowery, em Nova York. Uma noite, emquanto Tim O'Day procura expulsar do estabelecimento um freguez, disparam-se varios tiros, indo um ferir mortalmente Tim O'Day. A viuva — Mamã O'Day — fica á frente do estabelecimento, educando a sua pequenina. Reconhece, porém, que ella alli no botequim se perderia e consegue que uma senhora de sociedade, a Sra. Kendall, tome conta della, mediante o pagamento de vinte mil dollares, fazendo-a passar como sua sobrinha, e guardando todo o segredo.

Passam-se os annos. Vem a lei prohibitiva do alcool; a Sra. O'Day estava em apuros, privada do seu negocio, cujo aluguel só terminava no prazo de cincoenta annos. Dotada de tino commercial, só via ella uma solução viavel, e zás! transforma, da noite para o dia, o antigo botequim num dos mais elegantes cafés-cantantes de Nova York. Em pouco, o nome de "Mamã O'Day" estava tão conhecido e estimado entre a classe adinheirada de Nova York, como o fôra anteriormente entre os operarios e pobretões de Bowery.

Correm os tempos. A Sra. O'Day vive feliz, entregue ao seu novo ramo de negocio que lhe dá milhares de dollares de lucro por mez, e mais feliz ainda porque pensa que sua filha acha-se em completa segurança dos perigos do mundo. Mas, como se enganava ella! Se perigo havia no seu antigo viver do botequim, agora tinha a pequena Molly um verdadeiro abysmo aberto a seus pés — o precipicio social — que outra cousa não eram os salões elegantes da Sra. Kendall, frequentados pela gente da "élite".

Entre os assiduos convivas dos salões da Sra. Kendall, e uma das suas mais "finas" amizades, acha-se Marcos Roth, um joven elegantissimo que se diz filho de uma familia millionaria da California. Molly, inexperiente que era, cae na imprudencia de enamorar-se de Marcos, facto este que a Sra. Kendall recebe com bastante alegria, pois para ella o casamento de sua supposta sobrinha com um millionario como aquelle, vinha tiral-a dos apuros em que se achava por dinheiro, que já não chegava para metade das despesas.

Uma noite, postas as cousas neste pé, Marcos Roth leva Molly a ceiar em sua companhia ao "cabaret" da Mamã O'Day. Ao reconhecer a moça, a dona do estabelecimento sente-se deveras contristada por vêr sua filha, que ella julgava em completa segurança, entregue áquella vida de passeios nocturnos, de commum com amigos fatuos, inuteis e pelintras.

A empresa parece na verdade difficil, mas a Sra. O'Day, movida por um amor de mãe, e auxiliada por Cliff Kelly, um amigo de Molly ainda dos tempos de infancia e agora reporter de um grande diario newyorquino, e bem aconselhada pelo seu advogado, para logo se faz dominadora da situação. Para tanto, finge-se apaixonada por Roth e attrahindo-o a si, vem a saber que o lusidio cavalheiro não passa de um intrujão — e que em vez de ser filho de uma familia millionaria de California, acha-se em Nova York para fugir á acção da policia daquella cidade.

Uma noite, por denuncia da Sra. Kendall, que é presidente de uma sociedade de temperança, a policia dá uma busca ao "cabaret" de Mamã O'Day. Marcos Roth, vendo-se por assim dizer nas malhas da rêde, procura fugir, mas é obstado de o fazer. Em meio á balburdia e confusão que impera em torno, aos estampidos dos disparos de revólver, Molly recorda-se vagamente daquella noite aziaga do botequim do Bowery. Movida ainda pela mesma recordação do tragico incidente em que perdeu seu pae, vem-lhe á memoria os traços physionomicos de sua mamãe, e reconhecendo-a, por fim, exclama entre sorrisos e lagrimas:

— Mamā O'Day!, minha boa e santa māe!...

ROSAS TRAIGOEIRAS

PERSONAGENS

Dorotea BETTY COMPSON
Flagg Rockliffe Felowes
Douglas Crawford . . Warner Baxter
Poulson Charles Ogle
Jack Lane King Zany
Archibaldo William Austin
Nick Toyo Fujita
Hazel Lylian Tashman
Nat Barlow Al St. John
Empresario William Turner
Criada Lucila Thorndike

Na bella casa de campo, do mui influente Sr. Fhilip Flagg, reune-se toda uma fauna humana — desde as aves do paraizo, representadas pelas lindas mulheres, até a hyena ou lôbo de trilha, na pessoa de um fuão qualquer. A todos o Sr. Flagg dá ampla liberdade de acção, deleitando-se em apreciar as fraquezas e taras moraes de cada um.

Para Flagg, a lealdade é a unica virtude humana digna de menção e, com effeito, ninguem entre os seus convivas ha que lhe seja mais leal do que Edna St. Clair, a quem Flagg promettera fazer de "estrella" no seu theatro da Broadway.

Entre as suas coristas, Dorothy Delbridge é a que parece rivalizar com Edna, por sua belleza e dotes pessoaes. Para conquistar-lhe as graças, Flagg convida-a a uma de suas festas, ao que Dorothy recusa-se abertamente. Acostumado a ser sempre obedecido em todos os seus propositos de amor, Flagg toma vingança immediata, mandando despedir a corista do seu theatro. Sem arrimo, por felicidade sua, Dorothy faz conhecimento com Douglas Crawford, que, interessando-se por ella, consegue que seja readmittida na companhia.

Flagg ausenta-se em viagem de negocio, mas permitte que os seus amigos continuem divertindo-se á sua custa, inclusive Dorothy. Douglas, trazido a negocio, visita a vivenda de Flagg, quando Dorothy pouco havia que dalli sahira. Sem saber o mal que lhe ia causar, Douglas propala o seu proximo noivado com a pequena. Enciumado, Flagg pro-

jecta vingar-se do que elle dizia — a deslealdade de Dorothy.

Effectuado o casamento de Dorothy com Douglas, vivem elles felizes, mas eis que um dia lhes apparece Flagg, a titulo de negocio, e como estivessem á hora do jantar, convidam-n'o para a mesa. A' refeição, quando Dorothy apparece á sala no auge de sua belleza, avivam-se os ciumes de Flagg, e para vingar-se della, começa o seu libello contra os que faltam á lealdade. Accusa uma "certa corista" por quem fizera tudo, referindo-se indirectamente a Dorothy, e de quem recebera sómente ingratidão. A' medida que a historia avança, enche-se a moça de angustia, temerosa que estava de que o marido viesse a surprehender a intenção do seu antigo empresario, pondo-a na contingencia de uma explicação.

Flagg, sem nenhuma especie de piedade pela angustia que se lia nos olhos cheios de lagrimas da infeliz Dorothy, ia continuando a sua nojenta e ardilosa historia, com que procurava comprometter a infeliz pequena que encontrára a felicidade, exactamente porque se não sujeitava aos seus desejos libidinosos.

Emquanto o marido ausenta-se da sala por uns momentos, Flagg diz abertamente a Dorothy que ha de tomar vingança de sua traição para com elle, a menos que ella prometta visital-o em sua casa de campo, por occasião de uma das suas saturnaes. Ao regressar á sala, Crawford, o marido, ouve ainda as ultimas palavras da recusa feita por Dorothy, confiante na lealdade de sua consorte, vê que Flagg alli viera com o unico proposito de lhe insultar a esposa, propondo-lhe um desforço pessoal incontinente. Covarde por natureza, Flagg procura sahir, mas Crawford agarra-o pelo pescoço, e, a murros e sopapos, sacode-o de escadas a baixo...

Ainda não contente com esse castigo inflingindo a esse patife incorrigivel e traidor, caiu sobre elle de novo e concluiu a sua obra, deixando-o maguado de tal fórma que, emquanto daquella se lembrasse, não se meteria noutra.

Livres daquelle inimigo, voltam os esposos Crawford ao seio da felicidade

LINGUAS DE FOGO

PERSONAGENS

Henrique Harrington Thomas Meighan Laheet, a india . . . Bessie Love Guilhermina . . . Eileen Percy John Boland Burton Churchill Scanlon John Miltern Harnblower . . . Leslie Stowe Adão, o indio . . . Nick Thompson Mickey Jerry Devine Sra. Vickers Kate Mayhew Clayton Cyril Ring

Ha uns quarenta annos não havia quem ambicionasse os rios e florestas virgens pertencentes aos indios Siwash. Mas lá vem dia, chega a "civilização", começam as guerras e contendas, e, ao cabo destas, não restava aos primitivos donos senão o minguado trecho de terra do acantonamento indio de Shell Point.

Quando o joven advogado Henrique Harrington regressou da guerra européa, no posto de capitão, trazendo sãos e salvos os indios que elle proprio ali alistára, encontrou a povoação completamente mudada e em mãos daquelles que, por manha e covardia, haviam ficado tranquillamente em suas casas, emquanto milhares de concidadãos davam generosamente a sua vida pela patria nos campos da França.

De todos os cabos de ordem de John Boland, nenhum ha que seja mais antipathico e tenha mais inimigos entre os indios, do acantonamento visinho, que um tal de Scanlon, tido por toda gente como a verdadeira personificação do máo caracter.

Um dia, um grupo de indios, chefiados por Adão João, um rapaz da mesma tribu e que servira durante a guerra como sargento de uma das companhias commandadas pelo capitão Harrington, vem ao escriptorio da empresa afim de fazer uma das costumadas reclamações.

Para acalmar o animo dos indios e pôr, de uma vez para sempre, um fim áquella pendencia das terras, Boland propõe aos indios a compra de suas propriedades, o que este acceita, dizendo-lhe, entretanto, antes de fechar o negocio, ir consultar o capitão Harrington, a quem os indios votam grande veneração e respeito, por ser o unico advogado que os tem tratado com justiça.

Ha na localidade um rabula chicanista, por

nome Hornblower, que se finge amigo dos indios e inimigo de Boland, e que instiga constantemente o animo dos reclamantes contra o presidente da companhia, assegurando que todo o fito deste é lograr os legitimos donos das terras, e que de direito, aos indios pertencem não sómente todos os terrenos adjacentes a Edgewater, mas toda a cidade, com seus edificios e tudo mais que nella se encontra.

Como logo se vê, Hornblower trabalhava com uma segunda intenção, disfarçando com aquelle amor á causa dos indios toda a hypocrisia do seu plano. Dentro em pouco toda a população de Edgewater via-o com máos olhos, temerosa que estava de que com as suas arengas não viesse o rabula occasionar grandes disturbios em toda a cidade. Certa vez foi mesmo o proprio capitão Harrington que o arrancou das mãos de um grupo de visinhos enraivecidos, que o queriam esquartejar na praça publica. Nessa occasião acercava-se do local um auto em que viajava Boland em companhia de sua filha Guilhermina. Ao scientificar-se da occurrencia, Boland manda parar o seu carro para felicitar o heroico apaziguador. Aquelle gesto de Boland para com Harrington tinha um signi\ficado bem diverso do que buscava apparentar. E' que sabia da influencia que o moço gosava da parte dos indios e queria disso tirar partido para a realisação dos seus projectos. Com effeito, convida o jovem advogado a jantar em sua casa, desfazendo-se em gentilezas de toda sorte. Guilhermina, a linda filha do magnata, por seu turno, secunda o trabalho paterno, fazendo valer a sua belleza deslumbrante para mais captivar o espirito do sympathico conviva. Por essa occasião, Boland offerece a Harrington o logar de advogado consultor da companhia, no caso que este consiga que os indios lhe vendam as terras em questão. Tal proposta não parece de todo má ao joven causidico, especialmente por lhe dar vasas de vèr Guilhermina mais a miudo e por quem elle se sentia platonicamente attrahido.

Harrington havia comprehendido que o verdadeiro amor estava entre os indios, pois alli encontrara Laheet, a formosa de pelle bronzea, que sempre o adorou em silencio, e em cujos braços busca e encontra a verdadeira felicidade.

J. Dantas & C.a

R. General Caldwell, 67 — Tel. 672

RIO DE JANEIRO

Fabrica de Vinagres, Licores e Xaropes

IMPORTAÇÃO DOS MELHORES VINHOS PORTUGUEZES E DO RIO GRANDE

A casa mais afamada do genero

MACHINAS DE COSTURA

Manequins, escalas, tesouras, botões e todas as miudezas para alfaiates

Artigos de armarinho e de costureiras — Officina de concerto para MACHINAS DE COSTURA

N. GUIMARÃES & C.

Rua Luiz de Camões, 16 e 18

Telephone 1734 Norte
End. Telg. "ELEGANT" — Codigo "RIBEIRO"
RIO DE JANEIRO

CAFÉ MUNDIAL

PADARIA E CONFEITARIA

— DE —

OLIVEIRA & MORAES

LARGO DE S. FRANCISCO, 30 e 34

Pad. — Tel. N. 2472, Rio — Café — Tel. N.1272

Especialidade em pão commum, de luxo e de todas as qualidades, fabricado com esmero Secção de confeitaria, grande variedade de doces, frios conservas e bebidas de todas as procedencias.

F. Marinho & C.

Commissões, Consignações e Conta Propria

- RUA DE S. PEDRO, 88 -

— RIO DE JANEIRO

DROGARIA PACHECO

Completo sortimento de drogas, productos chimicos e pharma-ceuticos

J. M. PACHECO

Rua dos Andradas, 43 a 47 e Buenos Aires, 154 e 168
Telephone Norte 3738
RIO DE JANEIRO

Empresa Brasil Editora, Limitada

Editores proprietarios da brilhante revista

FOTO - FILM

As mais aperfeiçoadas officinas graphicas do Rio

End. Teleg. "Embratora - Rio" — Tel. N. 6111

RUA FREI CANECA, 153

MOURA FONTES

AGENTE REPRESENTANTE DA Agencia geral de livraria e de publicações 7 - RUE DE LILLE - 7

PARIS

RUA THEOPHILO OTTONI, 67

RIO DE JANEIRO

Telephone N. 7101 — End. Telg. AGLIBRAIRI Stocks de todos os editores francezes scientificos e litterarios.

A SAMARITANA

minhas senhoras, é a casa que para os vossos bordados, para as vossas rendas, para os mil enfeites das vossas toilettes, deveis preferir.

18, Travessa de S. Francisco, 18-

COMPANHIA NACIONAL DE TECIDOS DE JUTA

FIAÇÃO E TECELAGEM DE JUTA

Aniagem, saccos de juta para café, cereaes, etc. Cobertores, Passadeiras, etc., etc.

ESCRIPTORIO

RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 51-1°

Depositarios e Agentes MAGALHÃES & C.

REPRESENTANTE

ARMANDO RAMOS DE AZEVEDO

EDUARDO ARAUJO & C.

CASA FUNDADA EM 1880

COMMISSARIOS DE CAFE'

— RUA MUNICIPAL, 28—

Endereço Teleg.: ZASS — Rio CAIXA POSTAL, 663

RIO DE JANEIRO

BENEDETTI-FILM

Rua Tavares Bastos, 153

FILMS EM EXHIBIÇÃO

"A Gigolete", "O dever de amar"

"O SYNCRONISMO DA MUSICA E DO ECRAN", PREMIADO NO EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE 1922

Companhia Nova Fabrica de Tecidos Santo Aleixo

Um dos maiores e mais prosperos estabelecimentos fabris do Brasil

fiação e tecidos do Brasil é a de Santo Aleixo.

Tem uma longa e notabilissima historia, pois foi a primeira fabrica de fiação que se fundou no Brasil.

Installada ha muitos annos em Santo Aleixo, região riquissima de pittoresco no districto de Magé — Estado do Rio — passou por varios proprietarios, até que no dia 1 de Junho de 1905, viu plena e seguramente resolvido o problema do seu desenvolvimeento, ao ser adquirida pela COMPANHIA NOVA FABRICA E TECIDOS SANTO ALEIXO organisada como convinha, para o exclusivo fim de levar por deante um bello emprehendimento.

Possuia então a fabrica apenas 140 teares. O primeiro passo firme da Companhia foi melhorar consideravelmente os seus productos com os elementos de que dispunha; o segundo, foi a emissão de um emprestimo de seiscentos contos, metade em 1907 e a outra metade no anno seguinte.

O destino integral destas quantias foi a compra de machinismos e a construcção de habitações para os operarios.

Uma das mais importantes fabricas de Então o numero de teares passou a 300; e as machinas motoras, que se reduziam inicialmente a uma roda e a uma turbina hydaulica, tiveram de ser accrescentadas com dois bellos motores a gaz pobre, de 150 cavallos de força.

Em Setembro de 1911, inaugurou-se um motor electrico para coadjuvar a acção do hydraulico e dos de explosão, já existentes.

Não póde haver mais claro indice da bondade da sua producção, cada vez maior, para satisfazer a solicitação d'um mercado vastissimo, que se deixou encantar pela perfecição crescente de taes productos: — brins, riscados, zephires e barbantes de algodão.

A' emissão de um novo emprestimo de oitocentos contos a 7 %, correspondeu o resgate do primeiro que fôra taxado a 8 % e o accrescimo de cincoenta teares aos tresentos de que dispunha.

Pois a actual directoria cogita de elevar a 500 o numero de teares, para satisfação das

exigencias do consumo.

Esta digna e intelligente directoria compõe-se dos Exmos. Snrs.: — Paulo Fernandes Clarc, Alberto de Carvalho e Silva e José Coelho Gomes.

AIDAIMASTOIR

COMPANHIA DE SEGUROS LUSO-SUL AMERICANA =======

SÉDE EW LISBOA

Capital realizado no Brasil . . . 1.000:000\$000 Deposito no Thesouro Federal . 200:000\$000

Representantes geraes

MAGALHAES & C.

51, Rua Primeiro de Março, 51
Telephone N. 5634
RIO DE JANEIRO

Agencias em : São Paulo : R. Magalhães & C.— Bahia : Magalhães & C.— Pará: Steiner & C.

CASA PACHECO

RUA URUGUAYANA, 158 e 160 ~~

(Esquina da Rua da Alfandega)

Telephone Norte 1244

SEDAS Seda lavavel, todas as côres, lar-		Charmeuse de Lyon, todas as côres, largura 100 c., metro Lamé de seda, francez, todas as côres, res, largura 100 c., metro	28\$000 28\$000
Seda lavavel, todas as côres, lar- gura 100/c., metro	4\$500 9\$000	CHALES DE SED	A
Palha de seda, largura 90 c., me- tro	10\$000	(GRANDES) HESPANHOES	
as côres, largura 100 c., metro Liberty de seda, todas as côres, lar-	148000	Com franjas largas, um 1	20\$000
gura 100 c., metro Setim Charmeuse, todas as côres,	.14\$000	PARA HOMENS	
Iargura 100 c., metro	14\$000 15\$000	Tussor de seda para ternos, muito	26\$000 30\$000
gura 100 c., metro	17\$500 18\$000	EPONGES	
Crepon de seda, todas as côres, lar- gura 100 c., metro Crepe Cloquet, todas as côres, lar-	18\$000	Eponge, côr lisa, boa qualidade e todas as côres (enfestada), metro	2\$500
gura 100 c., metro	18\$000	Fantasia, boa qualidade, lindos pa- drões (enfestada), metro	2\$800
Crepe Marrocain, côr lisa, todas as côres, largura 100c., metro Crepe Marrocain, de fantasia, gran-	18\$000	Côr lisa (franceza), todas as côres, largura 100 c., metro Fantasia (franceza), grande varie-	3\$900
de variedade, largura 100 c., metro	18\$000	dade, largura 100 c., metro	48500

GRANDE VENDA DE SALDOS DE BALANÇO E RETALHOS DE SE-DAS E TECIDOS FINOS

(Vendas por atacado e a varejo)

COMPANHIA AMERICA FABRIL

FUNDADA EM 1885

Rua da Candelaria, 67—Rio de Janeiro—Brasi,

Endereço telegraphico PAU-Rio--Telephones Norte 545 e Norte 19

A maior e mais aperfeiçoada empresa industrial da p America do Sul

FABRICAS DE FIAÇÃO E TECELAGEM DE ALGODÃO, FIAÇÃO ATE' 125.s

Tecidos finos, tintos e estampados — mousseline, voile, pongée, zephir, brins brancos e de côres, mescla e xadrez. Cambraias as mais finas, cretones e morins.

Tudo que de mais fino se produz em tecidos de algodão. Bordados, flanellas, cobertores, toalhas e atoalhados.

FABRICA NO RIO DE JANEIRO

FABRICA CRUZEIRO — Rua Barão de Mesquita n. 858 — Andarahy.

FABRICA BOMFIM — Rua General Gurjão n. 25 — São Christovão.

FABRICA MAVILES — Rue General Gurjão n. 81 — São Christovão.

FABRICA CARIOCA N. 1 — Rua D. Castorina n. 130 — Jardim Botanico.

FABRICA CARIOCA N. 2 — Rua D. Castorina n. 130 — Jardim Botanico.

FABRICA DE BORDADOS — Rua Barão de Mesquita n. 858 — Andarahy.

FABRICA NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

FABRICA PAU GRANDE — Na Fazenda Pau Grande — Estação da Raiz da Serra de Petropolis.